

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Achilles Varanda Spilborgs

A JUSTIÇA SOCIAL NO SÉCULO 8 A.C.: MIQUEIAS E A IGREJA

SÃO PAULO

2026

Achilles Varanda Spilborghs

A JUSTIÇA SOCIAL NO SÉCULO 8 A.C.: MIQUEIAS E A IGREJA

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia- Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP).

Orientador: Prof. Dr. Pedro E. C. Santos.

SÃO PAULO

2026

Spilborghs, Achilles Varanda

A justiça social no século 8 A.C.: Miquéias e a Igreja. / Achilles Varanda Spilborghs. – São Paulo: Faculdade Teológica Batista, 2026.

73 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Teologia) -
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos

1. Profetismo 2. Justiça Social 3. Igreja Integral 4. Missão
Integral I. Título. II. Santos, Pedro Evaristo Conceição.

CDD 261.8

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Achilles Varanda Spilborgs

A JUSTIÇA SOCIAL NO SÉCULO 8 A.C.: MIQUEIAS E A IGREJA

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos – Orientador

Prof. Dr. Joerley Orlando de Oliveira Cruz - Leitor

SÃO PAULO

2026

A Jesus Cristo, autor e consumidor de nossa fé, e a todos os nossos irmãos que se incumbem de tratar da questão da injustiça social, observando, acolhendo e ajudando, espiritualmente e materialmente, aqueles que estão sofrendo.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus, pela sua infinita graça concedida fortalecendo-me, animando-me e inspirando-me ao longo de todo o curso, sobretudo na elaboração dessa pesquisa.

A minha esposa, Sandra Regina Cardoso Jaulino Spilborghs, por todo apoio, incentivo e principalmente pela paciência nessa reta final.

À Igreja Novidade de Vida, da qual sou membro, desde a liderança até a membresia, os quais me apoiaram, intercederam por mim e demonstraram alegria em receber o conteúdo que pude compartilhar daquilo que pude aprender no curso.

Ao amigo Mestre Luiz Alberto Teixeira Sayão, por ser uma fonte de inspiração na busca de conhecimento e transferência do saber.

Não poderia deixar de mencionar meus irmãos em Cristo, Victor de Lima Viana e Giorgio Shiraishi Nunes da Silva por todo rico e importante suporte ao longo dos quatro anos do curso.

A minha colega Eunice Ladeia Guimarães Amaro por todo rigor e cuidado na revisão geral desse trabalho.

Especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Pedro Evaristo Conceição Santos, o qual demonstrou muita dedicação, paciência e assertividade em sua orientação para que esse trabalho de pesquisa acontecesse.

“Desta forma são manifestos os filhos de Deus e os filhos do Diabo: todo aquele que não pratica a justiça não procede de Deus, tampouco aquele que não ama o seu irmão” (1 João 3:10 - NVI)

RESUMO

Esta pesquisa traz informações sobre o conceito de justiça no Antigo Oriente, abordando o entendimento e aplicações nos diversos impérios e dinastias, abordando também a questão da injustiça social, sendo objeto de pesquisa entender o que é e o que não é profetismo, chegando ao Século 8º a.C., chamado por Sicre (1994, p.234), de “Era de Ouro do Profetismo”, quando surgiram os primeiros profetas escritores, prioritariamente Oseias e Amós, no Reino do Norte, e Isaías e Miqueias no Reino do Sul, os quais escreveram e descreveram denúncias sobre vários temas. Meu foco foi trabalhar especificamente a questão da justiça social, e o aprofundamento nas denúncias do profeta Miqueias sobre essa questão. Também foi pesquisada a questão da injustiça social na Igreja do 1º século, avançando para a Igreja Moderna, discutindo se a Igreja deve atuar na promoção da justiça social e como deve fazê-lo.

Palavras-chave: Profetismo. Justiça Social. Igreja Integral. Missão Integral.

ABSTRACT

This research provides information on the concept of justice in the ancient East, addressing its understanding and applications in various empires and dynasties. It also addresses the issue of social injustice, focusing on what is and is not prophecy, reaching the 8th century BC, called by Sicre (1994, p.234) the "Golden Age of Prophecy," when the first writing prophets emerged, priority Hosea and Amos, in the Northern Kingdom, and Isaiah and Micah, in the Southern Kingdom, who wrote and described denunciations on various themes. My focus was specifically on the issue of social justice, and a deeper analysis of the prophet Micah's denunciations on this matter. The issue of social injustice in the 1st-century Church was also researched, progressing to the Modern Church and discussing if the Church should act in relation to social justice and how to do this.

Key words: Prophecy. Social Justice. Holistic Church. Holistic Mission.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O CONCEITO DE JUSTIÇA NO ANTIGO ORIENTE	12
1.1 O QUE É JUSTIÇA	12
1.1.1 A preocupação com a justiça: Egito	14
1.1.2 A preocupação com a justiça: Mesopotâmia	17
1.1.3 A preocupação com a justiça: Canaã, Fenícia e Império Hitita	19
1.2 A INJUSTIÇA SOCIAL	21
2 O PROFETISMO	24
2.1 O QUE É UM PROFETA VERDADEIRO	24
2.2 PROFETISMO NO ORIENTE ANTIGO	28
2.3 O QUE FOI DENUNCIADO	29
2.4 AMÓS, OSEIAS E ISAÍAS	32
2.5 MIQUEIAS E A JUSTIÇA SOCIAL	37
3 A JUSTIÇA SOCIAL NA IGREJA	49
3.1 IGREJA NO 1º SÉCULO	50
3.2 IGREJA ATUAL	53
3.3 A IGREJA DEVE AGIR?	55
3.4 COMO A IGREJA DEVE AGIR?	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	65
REFERÊNCIAS	67
ANEXOS	71
Item 5 do Pacto de Lausanne em 1974	71
Tabela 1 – Referências sobre a datação	72
Tabela 2 – Transcrita de Allen	72

INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui apresentada teve por objetivo analisar as denúncias de injustiça social do profetismo bíblico, especificamente no Século 8º a.C., que representa um período crucial na história de Israel, e que, segundo Sicre (1994, p.234), representou a *Era de Ouro do Profetismo*. As mensagens dos profetas, principalmente Amós e Miqueias, abordam questões de justiça, moralidade e ética, além da relação do povo com Deus, temas que permanecem pertinentes na sociedade atual. Este trabalho visou analisar o significado e a relevância das mensagens dos profetas, com aprofundamento na mensagem do profeta Miqueias, investigando as possíveis aplicações para a Igreja do 1º século, por meio de abordagens descritas na literatura, e a Igreja contemporânea, que enfrenta desafios semelhantes em um mundo marcado por desigualdade e crises éticas como consequência de desobediência e afastamento espiritual.

Diante da análise dessa problematização, inicialmente ilustrando conceitualmente quem foram os profetas do Século 8º a.C., qual o conceito de justiça no Oriente Antigo, a posição de Deus sobre justiça, sobre o conceito de mal e sua influência na prática da injustiça, procurei responder as seguintes questões:

- a. Como os profetas abordaram questões sociais e espirituais da sociedade em seu tempo, e como Miqueias abordou a questão para o Norte e Sul, sendo ele do Reino de Judá?
- b. Quais são as semelhanças das denúncias proféticas sobre injustiça social do Século 8º a.C. nas práticas da Igreja do 1º século e na Igreja atual?
- c. A Igreja contemporânea conseguiria aplicar os princípios do profetismo de Miquéias para enfrentar os desafios atuais?
- d. De que maneira a Igreja poderia atuar?

Ao investigar essas questões, pudemos extrair lições valiosas para a Igreja atual, que enfrenta desafios semelhantes em um mundo marcado por desigualdade e crises éticas.

Minha motivação para pesquisar esse assunto decorreu da crescente necessidade de refletir sobre como os princípios do profetismo bíblico podem ser aplicados corretamente na prática de fé e da providência da Igreja em relação às injustiças sociais na atualidade.

A relevância das mensagens proféticas transcende seu contexto histórico e oferece uma base sólida para a construção de uma ética cristã que responda às demandas sociais atuais. Além disso, ao entender o passado, podemos fortalecer nossa identidade e compromisso com a justiça e a misericórdia, características fundamentais da mensagem cristã.

É fato que o campo de pesquisa é extenso quando falamos do ambiente profético no Século 8º a.C., e nos dá uma incontável gama de temas para serem abordados em relação às denúncias proféticas, por isso a escolha de pesquisar e estudar sobre a questão da justiça social: a justiça do Senhor é, em minha visão, um dos parâmetros para conseguirmos permanecer de forma harmônica com os demais atributos de Deus. Entendendo Dt 6:4, vamos conseguir viver de maneira integral, amando a Deus e ao nosso próximo.

O cuidado do Senhor para que a sua justiça seja aplicada a todos tem um apelo especial nesse trabalho, que é em relação à afirmativa do cuidado com os pobres, de acordo com as palavras do Pai e do Filho:

Sempre haverá pobres na terra. Portanto, eu ordeno a vocês que sejam generosos com os seus irmãos israelitas, tanto com o pobre como com o necessitado da sua terra. Dt 15:11¹.

Lavem-se! Limpem-se! Removam suas más obras para longe de minha vista! Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem! Busquem justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva. Is 1:16,17.

“Pois os pobres vocês sempre terão consigo, mas a mim vocês nem sempre terão”. Jo 12:8.

¹ Keller (2013) faz uma consideração importante em relação ao texto de Deuteronômio 15, deixando claro que não há contradição entre o 15:4,5 e 15:11, em que explica que a prática de libertação (*shemitta*) era uma prática que deveria ser aplicada a cada 7 anos, conforme 15:1,2

1 O CONCEITO DE JUSTIÇA NO ANTIGO ORIENTE

Inicio essa primeira parte com duas citações de Sicre (2011) sobre o conceito da existência e prática de justiça no Oriente Antigo.

A primeira citação é

É bem verdade que as civilizações que conhecemos do Oriente Antigo possuam códigos e sistema jurídicos que implicam leis religiosas, mas a exigência de justiça quanto ao homem não parece ter sido descoberta em sua integridade. (Trestomant, *apud* Sicre, 2011, p. 25)².

Sequencialmente, o autor cita:

Com eles aparece, pela primeira vez na história, o sentido do humano. Elevada consciência moral impregna todos os seus atos (...). Pela primeira vez, o sentido do bem e do mal desempenha papel nos assuntos humanos e de Estado, e papel decisivo e ativo. (Vieyra, *apud* Sicre, 2011, p. 26)³.

Sicre descreve sua discordância dessas afirmações citadas, dissertando sobre a preocupação pré-existente com o conceito de justiça no Antigo Oriente trabalhando em três grandes blocos. (2011, p. 26-60).

Antes, porém, vou pontuar, a seguir, o conceito geral de justiça.

1.1 O QUE É JUSTIÇA

De acordo com a Teologia Sistemática de Grudem (2022, p. 294), retidão e justiça fazem parte dos atributos morais (bondade, amor, misericórdia, santidade, paz/ordem, retidão/justiça, ciúme/zelo e ira) de Deus entre os seus atributos comunicáveis⁴. Grudem destaca que, na Língua Portuguesa, semelhantemente à Língua Inglesa, as palavras retidão e justiça possuem significados diferentes, mas quando as observamos no ambiente bíblico, seja no Antigo Testamento seja no Novo Testamento, possuem o mesmo grupo fundamental. No Antigo Testamento retidão e justiça estão traduzidas no grupo de palavras derivadas de *dikaïos*⁵. E toda a sua descrição do tema segue obedecendo essa regra, porém, Grudem diz, em rodapé:

² Sicre cita Trestomant, C. em *La doctrina moral de los profetas de Israel*, 1ª ed. Madrid, 1962, p. 85)

³ Sicre cita Vieyra M. em *Les religions du Proche-Orient*, Paris, 1970, p. 464.

⁴ Atributos comunicáveis de Deus., segundo Grudem (Teologia Sistemática, 2022, p. 267-320), são os aspectos em que Deus é como nós em seu ser. Nos atributos mentais e morais (1ª parte), são os aspectos em que Deus é como nós nos atributos da vontade e dos que sintetizam a sua excelência (2ª parte).

⁵ *Dikaïos* (do grego: δίκαιος) é um adjetivo grego que significa justo, reto, íntegro ou conforme a lei. No Novo Testamento, descreve alguém que vive em conformidade com a vontade de Deus, alguém sem culpa ou inocente, sendo central para o conceito bíblico de retidão e justiça divina.

No entanto, não contestaria, se alguém quisesse considerar retidão e justiça como dois atributos diferentes, ao distinguir 'retidão' no sentido de conformidade à Lei Moral de Deus, do termo 'justiça' no sentido de distribuir recompensas e castigos também em conformidade com a Lei Moral de Deus. (Grudem, 2022, p.294)⁶.

Alguns textos bíblicos embasam teologicamente essa definição, como, por exemplo: “Todos os seus caminhos são justiça. Um Deus de fidelidade e sem iniquidade, justo e reto ele é. (Dt 32:4)”; “Não fará o que é justo o juiz de toda a terra? (Gn 18:25)”; “Os preceitos do Senhor são retos e alegram o coração. (Sl 19:8)”. Com eles poderemos seguir seguros, tanto com a definição assegurada por Grudem, como também pela distinção observada e respeitada por ele em sua nota de rodapé transcrita acima (Grudem, 2022, p.294).

Resumidamente, conforme descrito por Grudem, “A retidão/justiça de Deus implica que Deus sempre age segundo o que é reto/justo e que ele mesmo é o **padrão absoluto** (meu grifo) do que é reto/justo.” (2022, p. 294,295).

Encerrando a sua definição sistemática de justiça/retidão, em gratidão e louvor a Deus, cita Dt 32:4 “Ele é a rocha, suas obras são perfeitas, e todos os seus caminhos são justos. É Deus fiel, que não comete erros; justo e reto ele é.”.

Wright (1991 p. 145) também concorda com Grudem no sentido de que, no Antigo Testamento, nenhuma ideia tenha sido tão difundida quanto a da justiça e retidão de Deus. Seguindo a perspectiva de Wright, é necessário, inicialmente, separar as duas formas comuns (*tsedeq* e *tsedaqah* com a compreensão de retidão) da raiz *tsdq* (reto) como algo fixo, completo, dando o sentido de uma norma, “O que é como deveria ser, o que combina com o padrão: ‘retidão’ em sentido amplo”.

Em seguida, Wright (1991. p. 146) destaca uma segunda raiz, *spt*, que tem a ver com a atividade judicial em todos os níveis. Por exemplo, *ação judicial* é a tradução de *shaphat*⁷ no sentido de agir como legislador ou como juiz entre as partes de uma disputa, determinar o culpado e o inocente, e assim, a palavra *mishpat* definida como todo o processo de litígio até o veredito e execução final, tal qual está descrito em Ex 21-23 (Código da Aliança). Resumindo, a *mishpat* é o que deve ser feito, se houver

⁶ Veja, e.g., Millard E., *Christian theology*, 3 ed (Grand Rapids, 2013, p. 258-260) [edição em português: Teologia sistemática, tradução de Robison Malkomes; Valdemar Kroker; Tiago Abdala Teixeira Neto, (São Paulo: Vida Nova, 2015)].

⁷ *Shaphat* (שפט) é uma palavra hebraica que significa juiz, governar ou pronunciar sentença.

necessidade de restauração das pessoas ou circunstâncias para se adaptarem à *tsedeq* e *tsedaqah* (retidão).

Ampliando o conceito, Wright (1991 p. 147) traz a palavra fidelidade, mais comumente utilizada no hebraico por *hesed*, no sentido de bondade/amor, destacando a lealdade constante de Deus, além de *emunah* (fidelidade propriamente) e *emeth* (verdade).

Por fim, o autor traz uma afirmação da constância da utilização das duas palavras, *hesed* e *tsedaqah*, como paralelas e como exigência aos procedimentos humanos em relação aos desejos retos e justos do Senhor e ao relacionamento geral com o próximo, citando o texto de Os 10:12 (*Hesed* (תֹּהֶם): Misericórdia/amor leal/bondade) e Mq 6:8 [*mishpat* (מִשְׁפָּט): Justiça, direito, julgamento justo - *hesed* (תֹּהֶם): misericórdia, bondade amorosa, amor leal ou fidelidade.

Dessa forma, como já definimos o conceito de justiça, vamos agora à defesa de Sicre (2011) quanto ao conceito pré-existente de justiça no Antigo Oriente, como falado anteriormente, em três grandes blocos, descritos a seguir.

1.1.1 A preocupação com a justiça: Egito

A partir de uma pesquisa baseada em método histórico, Sicre explora a cronologia da civilização egípcia, destacando que “A cronologia ajuda a perceber que houve épocas de especial preocupação social e outras de silêncio absoluto” (2011, p. 27), e, em seguida, nos apresenta alguns estudos e opiniões de acordo com blocos dinásticos, conforme abaixo:

Império Antigo: 3ª - 6ª dinastias: Sicre menciona Max Pieper⁸ (2011, p.27), o qual relata a época de grandes construções realizadas com base em impostos elevados e trabalho dos mais pobres. Ressalta três textos estudados por Pieper:

- 1- A autobiografia de Herkhuf⁹: “Dei pão ao faminto, vesti o nu, transportei quem não tinha barca (...) porque desejava sentir-me bem na presença do grande Deus.”.

⁸ Sicre cita Pieper, Max em *Die ägyptische Literatur*, Potsdam: Wilsparck, 1927, p. 25)

⁹ Sicre cita Pieper, Max, cita Bresciani, Edda em *Letteratura e Poesia dell'antico Egitto*. Turim: 1969. p. 24-27

- 2- Palavra de um nobre¹⁰: “Fiz esse túmulo com toda justiça. (...) Não aconteceu de ter tirado nada de alguém. (...) Nunca fiz nada oprimindo outra pessoa.”.
- 3- Ensino de Ptahotep: junto com o ensino de Hagedef e com a instrução para Kaghemi, constitui o início da literatura de sabedoria egípcia. Vejamos o texto:

Se és chefe, que estás a frente de grande número de pessoas, procura para ti toda espécie de benefícios, mas sem fazer nada de mal. A justiça é grande, excelente e duradoura; não mudou desde o tempo de quem a fez, enquanto é castigado quem infringe suas leis (...) A maldade nunca acaba triunfando. Pode ser que a fraude produza riquezas, mas no decorrer do tempo se impõe a força da justiça (...) Se és homem de posição depois de ter passado despercebido, podendo fazer coisas após ter sido indigente na cidade que conheces, em contraste com o que foi tua sorte anterior, não sejas tacaño com tua riqueza: ela foi aumentada como dom de Deus.¹¹

Inicialmente, nesses três textos, já notamos uma certa convicção de que a justiça (ma’at)¹² é algo fundamental e imperecível e cujos princípios não podem ser superados pela fraude e pela maldade.

1º Período intermediário: 7ª - 10ª Dinastias: Ainda se embasando nos estudos de Pieper, Sicre (2011, p.30) relata que as duras condições de vida no Império Antigo provocaram mais do que apenas o aparecimento de consciência social, mas também a revolução, o que, na visão do autor, significou um avanço do desenvolvimento da consciência social, e cita alguns textos:

Textos dos Sarcófagos:¹³

Realizei quatro ações boas no pórtico do Horizonte: Criei os quatro ventos, para que todos pudessem encher com eles seus pulmões, cada um igual ao seu contemporâneo; É o meu primeiro benefício. Fiz a grande inundação para que o pobre tenha direito a seus benefícios como o rico; é a minha segunda ação. Fiz todo o homem semelhante a seu próximo; nunca os mandei fazer o mal; são seus corações que transgrediram meus preceitos; é a minha terceira ação (...).

¹⁰ Sicre cita Pieper, Max, cita Sethe, K. em *Urkunde des Alten Reiches*. Turim: 1903. p. 55

¹¹ Sicre cita Pieper, Max, cita Bresciani, Edda em *Letteratura e Poesia dell'antico Egitto*. Turim: 1969. p. 58

¹² *Ma’at*: é um conceito fundamental na cultura do Antigo Egito, representando simultaneamente uma divindade e o princípio ético/cósmico de verdade, justiça, equilíbrio, ordem e harmonia universal. Wallis Budge, E.A. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito*. São Paulo: Madras, 2023.

¹³ Sicre cita Pieper, Max, cita Bresciani Edda em *Letteratura e Poesia dell'antico Egitto*. Turim: 1969. p. 52

Autobiografia de Khety¹⁴: “Fiz que tivessem grão o cidadão e sua esposa, a viúva e seu filho. Cancelei todos os impostos e todos os tributos que encontrei prescrito pelos seus antepassados.”.

Ensino para Merikare¹⁵:

Sê justo [= pratique a justiça] todos os dias de tua vida. Consola quem chora, não oprimas a viúva, não expulses um homem da propriedade de seu pai, não prives os grandes de seus postos, evite castigar injustamente. Não mates; não te servirá para nada (...). Não faças diferença entre o nobre e o pobre; avalia um pouco de suas ações.

Há, ainda, muitas citações sobre a justiça nesse período egípcio, tais como: O oasiano eloquente (Khun-Anup)¹⁶, que se trata do que é chamada de obra máxima da época, a qual relata a denúncia da injustiça e as consequências de se buscar o cumprimento justo de uma situação. É leitura muito interessante e que vale muito a pena ser realizada.

Império médio: 11^a - 12^a dinastias: Nesse período, há um único documento relatando a importância dos cuidados com os mais fracos. É a Esteia de Montuhotep¹⁷:

Eu era a pessoa que educava jovens, sepultava os anciãos e a todos os pobres, Dei pão, vesti o nu (...) Alimentei as crianças, ungi as viúvas, (...) Convém (...) preocupar-se com todos, não esconder o rosto diante do homem faminto (...) Quando se apresenta lista de impostos que os pobres, as viúvas, os órfãos devem ao tesouro público (...), deixe respirar aquele que está arruinado.

2º Império intermediário: 13^a – 17^a dinastias: Sicre (2011 p. 36) destaca que nesse período o Império foi dominado pelos Hicsos¹⁸, e, como consequência, provocou reações autoritárias e perigo de injustiças.

Império novo: 18^a – 20^a dinastias: Para entender o aspecto social no período do Império Novo, há que se considerarem os efeitos da dominação dos Hicsos em relação às proteções nacionais estabelecidas posteriormente. Sicre (2011 p. 36) menciona a observação de Wilson (Wilson apud Sicre. Wilson John A. *The Culture of Ancient Egypt: An Interpretation of Ancient Egyptian Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1951) transcrevendo:

¹⁴ Idem, pg. 60

¹⁵ Idem, pg. 83-94

¹⁶ Idem, p. 95-110

¹⁷ Sicre cita Posener, G. *Littérature et politique des l'Egypte de la XII Dynastie*. Paris: 1956.

¹⁸ Os Hicsos foram um grupo de origem mista (predominantemente semita/cananeia) que se estabeleceu na região do Delta do Nilo no Egito Antigo. Ryholt, K.S.B. A situação política no Egito durante o Segundo Período Intermediário, c. 1800-1550 a.C. República Tcheca: *Museum Tusculanum Press*, 1997

Quando, sob os perigos nacionais do Segundo Período Intermediário e sob o nacionalismo agressivo do Império, a unidade disciplinada do Estado se fez mais importante do que os direitos e as oportunidades dos indivíduos, os conceitos de igualdade e justiça social desaparecerão definitivamente. É a história de um povo que, em determinada época, entreviu claramente, mas ao longe, a Terra Prometida, e que acabou vagando pelo deserto

Apesar dessa ruptura tão importante no legado da consciência de justiça, porém, ainda há muitas obras relacionadas à justiça social.¹⁹

Em resumo, quando observarmos o Egito Antigo, notaremos que sim, existiu uma preocupação com a aplicação de algum senso de justiça humana e religiosa, porém praticamente direcionada ao povo da terra. Não podemos, contudo, assegurar que essa preocupação com a justiça social foi difundida e aplicada de maneira linear durante todo o período.

Finalizo essa análise com a transcrição do Ensino de Amenemope que diz “deus prefere que se respeite o pobre do que se honre o nobre.” (Cap XXVII).

1.1.2 A preocupação com a justiça: Mesopotâmia

Começando a analisar a possibilidade de existência de alguma consciência de justiça nessa importante região e época, dada a grande diversificação cultural, de raças, longevidade dos períodos, vale mencionar que Sicre (2011, p. 43) defende modificar a definição da região chamada Mesopotâmia de acordo com as civilizações correspondentes às suas peculiaridades: sumérios, acadianos, babilônicos e assírios, e assim identificar a sensibilidade social de cada um deles.

Para apontar a preocupação desse império com a justiça, vou pontuar alguns textos de reis, hinos, orações, códigos legais e religiosos do tema.

A cidade de Lagas, na Suméria, aparece nos estudos como a primeira cidade a revelar consciência social. Entemena escreveu de si mesmo: “Libertou Lagas; à mãe devolveu seu filho, ao filho devolveu sua mãe (...)” (Sollberger & Kupper apud Sicre. Sollberger E. e Kupper J. B. *Inscription royales sumeriennes et akkadiennes*. Paris:

¹⁹ O Livro dos Mortos: Wilson apud Sicre. Wilson John A. *The Culture of Ancient Egypt: An Interpretation of Ancient Egyptian Culture*. Chicago: *The University of Chicago Press*, 1951. p. 24-36
Autobiografia de Rekh-mi-rê (idem p. 213a); Autobiografia de Intef: Pieper apud Sicre. Pieper, Max, cita Sethe, K. em *Urkunde des Alten Reiches*. Turim: 1903. p. 55; Hinos e orações de Amon: (Wilson apud Sicre. Wilson John A. *The Culture of Ancient Egypt: An Interpretation of Ancient Egyptian Culture*. Chicago: *The University of Chicago Press*, 1951. p. 366; Instruções de Ani: (Lichtheim apud Sicre. *Ancient Egyptian Literature II*.; Ensino de Amenemope: (Wilson apud Sicre. Wilson John A. *The Culture of Ancient Egypt: An Interpretation of Ancient Egyptian Culture*. Chicago: *The University of Chicago Press*, 1951. p. 421-424)

1976). Essa inscrição foi um precedente a todo rei que subisse ao trono, pois descrevia um ato real de remissão de dívidas públicas, privadas e libertação dos escravos e presos por dívida. Era o estabelecimento da justiça, promovendo ordem, igualdade e bem-estar. Urukagina, sucessor de Entemena, garantiu sua estabilidade se aliando ao povo por meio de reformas sociais, visando restabelecer a ordem social dada pelos deuses. Um outro governante, Gudea, também foi responsável pelo estabelecimento de um período de paz e justiça. Vejamos a descrição do Rolo A e depois do Rolo B sobre a boa situação estabelecida por Gudea:

Ao escravo culpado de infração seu patrão não o golpeou com o bastão; à escrava prisioneira de guerra sua senhora não a esbofeteou²⁰

Desde o dia em que o Rei entrou em sua casa, durante sete dias a serva acompanhou a senhora, e o servo esteve ao lado do seu senhor. Na cidade, o forte e o servo repousaram untos, a língua daninha mudou de palavras (...). Não entregou o órfão ao rico nem a viúva ao poderoso.²¹

Há muitas outras referências de textos dos governantes da região sobre a questão de justiça. O texto de Ur-Nammu (2112-2095 a.C.); O texto de Su-ilisu (1981-1975 a.C.); o de Samulael (1999-1945 a.C.), na Babilônia, abrindo a concepção do famoso Código de Hamurábi (1792-1750 a.C.), do qual transcrevo o prólogo e o epílogo citados por Sicre Diaz (2016)²².

Anu e Enlil me chamaram para promover o bem-estar do país (...), para que a justiça resplandeça no país, para destruir o malvado e o mal, para que o poderoso não oprima o fraco (linhas 25-38)

Os grandes deuses chamaram-me e converti-me em pastor benéfico, cujo cetro é justo (...) Sempre os governei em paz, protegi-os com minha sabedoria. Para que o poderoso não oprima o fraco, para que se faça justiça ao órfão e à viúva (...) inscrevi minhas preciosas palavras na minha esteira (...) para fazer justiça ao oprimido (XXIV, 40-74)

Há, ainda, textos sapienciais como o Provérbio Sumério: “Quem ataca veredicto justo, quem ama veredicto injusto, é abominado por Utu” (Young apud Sicre, Young, G. D. Utu and Justice: A new Sumerian Proverb. JCS 24, 1972, p. 132), entre outros.²³

²⁰ Rolo A, XIII, p. 6-15. Texto integral em *Testi sumerici e accadici*, Castelinno G. R. Turim: 1977. P. 215-246

²¹ Rolo B, XVII, p. 18, XVIII, p. 13. Texto integral em *Testi sumerici e accadici*, Castelinno G. R. Turim: 1977. p. 247-264.

²² O escritor José Luiz Sicre, é apresentado na maioria de suas obras com o sobrenome Sicre, porém na Obra Profetas I e II, escrita em conjunto com Luiz Alonso Schökel, se apresenta como José Luiz Sicre Diaz, e por isso a referência ao autor nessa obra será Sicre Diaz.

²³ Os Conselhos de Sabedoria (Sicre Diaz apud Lambert W. G. *Babylonian Wisdom Literature*, Oxford, 1960. p. 96-107); Conselhos a um príncipe (Lambert apud Sicre. Lambert W. G. *Babylonian Wisdom Literature*, Oxford, 1960. p. 509-511);

E por fim, há muitos textos religiosos e orações que refletem a preocupação dos deuses pela justiça²⁴. E finalizando, há o Hino a Enlil, do qual Sicre (2011, p. 57) faz referência a uma semelhança ao texto de Isaías 1:21 e o Hino a Ninurta, sobre o qual o autor também faz referência, muito relacionado com os textos de SI 15; 24:3-5 e Is 13:14-16.

Em resumo, temos muitas semelhanças, pelo que podemos ver no estudo do Egito Antigo, com muitas citações de preocupações morais, porém entremeadas com atos imorais dos deuses e com os efeitos limitantes da religião.

Aqui, também foi possível notar uma diversidade de grupos (senhores, homens livres e escravos) e um grupo maior de pessoas que têm maior dificuldade em suas vidas.

1.1.3 A preocupação com a justiça: Canaã, Fenícia e Império Hitita

Ainda nessa pesquisa, utilizando a obra de Sicre (2011, p. 59,60), veremos que ele ressalta que comparativamente ao Egito e à Mesopotâmia, não há muitos dados para essa última parte.²⁵

De Vaux traz uma rica explanação sobre os conceitos de justiça no âmbito econômico para o povo hebreu (2004. p. 199-213), tratando de assuntos importantes tais como a propriedade do imóvel, o patrimônio familiar e a grande propriedade, as formalidades de transferência, o aluguel, o empréstimo, o penhor, a fiança, o ano sabático e o ano do jubileu. Todas essas descrições pautadas em conceitos da justa vontade do Senhor descritas nos livros de Êxodo, Levítico e Deuteronômio, e ainda

²⁴ Sicre destaca o que considera o mais extenso e famoso de toda a Mesopotâmia, o Hino a Samas (Lembert apud Sicre. Lembert W. G. *Babylonian Wisdom Literature*, Oxford, 1960. p. 96-107); Conselhos a um príncipe (LEMBERT apud Sicre. Lembert W. G. *Babylonian Wisdom Literature*, Oxford, 1960. p. 121-138).

²⁵ UGARIT: As lendas de Kirta e Aqhatu são os principais textos que tratam da justiça e defesa dos pobres. (Olmo Lete apud Sicre. Olmo Lete G. del. *Mitos e leyendas e Canaán*. Madri: Crístandad, 1981). A repreensão pelo desinteresse pela justiça é muito parecida com o texto em que Absalão faz repreensão a seu pai, Davi em 2º Samuel 15:1-4. E a referência que as lendas fazem às viúvas é semelhante ao que está descrito em Isaías 1:17-23. FENÍCIA: O autor considera que são frases feitas e sem maior valor, as trazidas por Walton (Walton apud Sicre. Walton John H. *Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament*, 1954). IMPÉRIO HITITA: Sicre cita 2 textos. O primeiro, do Hino ao deus Telepino: “Do oprimido ao humilde (...) tu és pai e mãe; a causa do humilde, do oprimido, tu Telepino, levas a peito”. (Walton apud Sicre. Walton John H. *Ancient Near Eastern Thought and the Old Testament*, 1954. P. 397); Nas instruções aos comandantes de fronteira: “Não julgarás a favor de seu superior, não decidirá em favor de seu irmão, de sua esposa ou de seu amigo. Ninguém gozará de favor particular. Boa causa não a considerará má, nem causa má a considerará justa; fará o que é justo.” (Vieyra apud Sicre. Vieyra M. em *Les religions du Proche-Orient*, Paris, 1970, p. 566.)

muitas definições pautadas nos conceitos de justiça, os quais são apontamos acima, incluindo os Códigos de Hamurabi e Hitita, foram adotadas ainda que tardiamente.

A tese de Santos (2019), trabalhada sobre o tratamento dos pobres especificados no livro de Deuteronômio, encarrega-se da determinação do significado original das palavras pobre, órfão, viúva, estrangeiro residente, escravo, escrava e até mesmo levita, reunindo-os em um agrupamento, ou ainda uma classe, a qual chamará de *Os Invisíveis da Terra*. Em suas considerações finais, Santos (2019, p. 229-235) resume de forma muito clara os chamados *Invisíveis da Terra* em 3 grupos bem definidos: os pobres, que eram homens israelitas, que, apesar de serem livres, poderiam se tornar dependentes e até escravos (ainda que por tempo determinado) de seus compatriotas; os estrangeiros, incluindo os residentes na terra; e o terceiro grupo formado pelas viúvas, órfãos e levitas. Segundo a definição de Santos, “Para Deuteronômio, essa é a estrutura da sociedade israelita, da perspectiva da pobreza”. (Santos, 2019, p. 229).

Um outro ponto destacado por Santos corrobora o que foi descrito nas descrições iniciais desse capítulo, em que a proteção e cuidado com os pobres eram vistos como uma virtude, ou atribuição divina ou, ainda, dos reis e juízes dos povos do Antigo Oriente²⁶, ao passo que em Deuteronômio a proteção e cuidado são por meio da comunidade, obedecendo ao que o Senhor determinou. Para Santos, *Os Invisíveis da Terra* são instrumentos de Deus para abençoar o seu povo, à medida que o seu povo obedece às determinações divinas, e assim também afirma que esses *Invisíveis da Terra* passam a ser uma oportunidade social e não mais um problema social.

Resumidamente, podemos entender que todo esse contexto da justiça no Antigo Oriente é muito importante para entendermos as afirmações bíblicas sobre o conceito de justiça social²⁷. Sicre (2011, p. 60) sustenta que os profetas revelarão pouquíssimo conteúdo adicional ao que foi visto nos impérios estudados, e o mais

²⁶ Santos 2019, p. 229, citando Fensham F. C. Window, *Orphan, and the poor in Ancient near Eastern Legal and Wisdom Literature*. In: *Journal of Near Eastern Studies*, vol 21, nº 22, Abril de 1962, p. 129.

²⁷ Apesar da robustez de argumentos sobre justiça social nas civilizações do Antigo Oriente, Keller (2013, p. 27) traz uma afirmação de Vinoth Ramachandra, estudioso do Sri Lanka, que escreveu que “em praticamente todas as culturas antigas, o poder dos deuses era canalizado e identificado por meio das elites, dos reis, sacerdotes e capitães militares, e não dos marginalizados. Opor-se aos líderes da sociedade era o mesmo que opor-se a deus”. E Keller acrescenta que não é ao lado de homens de posição que o Senhor se coloca, mas ao lado dos necessitados. Abre-se uma janela para futuras pesquisas entre as fontes citadas nesse trabalho e a afirmação de Ramachandra.

importante é o compromisso pessoal que cada um dos profetas aplicará em suas denúncias, as quais, conforme enfatiza o autor, poderão custar-lhes a vida.

1.2 A INJUSTIÇA SOCIAL

Entendendo o conceito de justiça social no Antigo Oriente, passamos agora para o que significa injustiça social na visão dos profetas. De modo geral, a crítica dos profetas não se limitava somente às injustiças sociais, objeto de nosso estudo, mas também a outras questões importantes, as quais demandam outros estudos e pesquisas específicos e aprofundados.

Fixando-nos à questão da injustiça social, vamos encontrar, na obra de Fohrer (2012, p.32-61), que a maior atitude dos profetas era denunciar a negligência para com a lei e a sua transgressão²⁸ pelas classes altas e latifundiários em textos como Amós 8:4-7, Miqueias 3:9,10 e pelos juízes corrompidos como citado em Amós 5:7, 10,11 e Isaías 5:23.

É importante observar que os profetas transcendem a opressão e a transgressão a um nível acima da lei e justiça descritas para os homens para a insubmissão ao Senhor.

Notamos que Fohrer traz uma conexão sobre a qual comentamos no estudo da justiça no Antigo Oriente, citando Is 1:16,17 - “Cessai de praticar o mal, aprendei a fazer o bem! Buscai o direito, corrigi o opressor! Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva.” - como uma intervenção obrigatória do rei, conforme o Código de Hamurabi (Ver. XXIV. 60-61), nos textos ugaríticos (I Aqht I, 23-25; II Aqht V. 7,8; 127.33,34; 45-47)²⁹ e nos SI 72:2-4.

²⁸ (Causse *apud* Fohrer. Causse, A., *Les Prophetes et la crise Sociologique de la religion d’Israel*, *Revue d’Histoire et de Philosophie Religieuses* (RHPPhR) 12, 1932, p. 93-140; DONNER, H., *Die soziale Botschaft der Propheten im Lichte der Gesellschaftsordnung in Israel*, *Origens Antiquus* 2, 1963, p. 229-245; GILLISCHEWSKI, E., *Die Wirtschaftsethik der israelitischen Propheten*, *Jb fur judische Geschichte und Literatur* 25, 1923,1924, p. 32-61)

²⁹ O Conto de Aqhat é um texto da literatura cananeia/ugarítica, conhecido como KTU 1.19, que gira em torno de Aqhat, um jovem príncipe de Ugarit (atual Ras Shamra, Síria) e de seu pai, Danel. A narrativa centra-se na despedida entre o mundo humano e o divino: Aqhat é morto pela deusa Anat, e seu pai Danel lamenta grandemente a perda, buscando os restos mortais do filho para um enterro adequado. O conflito costuma ser apresentado como um choque entre mortalidade humana, devoção aos mortos e a interferência das divindades no destino dos heróis. O texto é fragmentado, com várias lacunas de transmissão, o que gera debates entre estudiosos sobre os detalhes exatos da trama. Um tema recorrente é a relação entre o mundo humano e o divino—como as ações das divindades podem afetar a vida dos mortais e como os humanos lidam com a dor, a perda e o respeito aos antepassados. <https://www.britannica.com/topic/Aqhat-Epic> acessado em 20/04/2026

As críticas não eram dirigidas especificamente contra o governo, pois consideravam o Estado como uma forma de vida humana ordenada, mas em relação à forma com que observavam as ações do rei e demais autoridades em relação ao cumprimento da vontade de Deus sobre a Terra. Fohrer (2012, p. 359,360) ressalta que os profetas não desejavam que a fé fosse dependente da política, ou ainda que tivessem ações políticas de Estado pelos homens da fé. A questão é que os profetas desejavam que os governantes tomassem atitudes conforme o cargo que ocupavam, ou seja, estadistas, mas crentes fiéis aos desígnios do Senhor.

Em sua obra, Fohrer cita que o princípio de *fiat justitia, pereat mundus*³⁰ deve cair diante dos direitos humanos, que foram dados por Deus, pois os profetas já eram guardiões dos direitos humanos muito antes desses direitos serem descobertos pela política. Fohrer ainda cita que a Lei Deuterocanônica procurava ser como a regulamentadora e protetora da vida humana em relação à ética e justiça social, porém falhou desde que os tribunais locais foram constituídos pelos cidadãos, levantando juízes por toda a terra, e quando as situações mais difíceis deveriam ser julgadas pelos sacerdotes, chegando até as instâncias em Jerusalém.

Sicre (1994) destaca as várias problemáticas sociais³¹ do Século 8º a.C. que o levaram a descrever a época como *A época de Ouro da Profecia em Israel* (1994, p. 234), porém é importante abordarmos uma outra problemática, a religiosa que, por uma vertente, é denunciada quanto ao culto aos deuses pagãos, mas, sobretudo por outra vertente apontada por Sicre, que é a vertente do falso culto a Deus, vazio, com esquecimento do real propósito da adoração, e, nas palavras exatas de Sicre, “Uma tentativa de manipular Deus, eliminando suas exigências éticas em troca de oferendas, sacrifícios de animais, peregrinações e rezas” (Sicre, 1994, p. 235). Esse comportamento da liderança religiosa influencia o povo a entender o Soberano Senhor Deus como um deus igual a qualquer outro.

³⁰ "*Fiat justitia, et pereat mundus*" é uma máxima latina que significa "Faça-se justiça, ainda que o mundo pereça". Ela expressa a ideia radical de que a justiça deve ser aplicada a qualquer custo, mesmo que as consequências sejam catastróficas ou drásticas. A frase defende que o princípio da justiça é absoluto e superior às consequências práticas. Origem e Uso: Acredita-se que tenha se originado no livro *Loci Communes* de Johannes Jacobus Manlius (1563) e tenha sido usada como lema pelo imperador Fernando I. Na Filosofia, foi popularizada por Immanuel Kant em sua obra *Paz Perpétua* (1795), para resumir a natureza anticonsequencialista de sua filosofia moral, sugerindo que o dever deve ser cumprido independentemente dos resultados.

³¹ A problemática social: presente nos quatro profetas. A problemática religiosa, que se divide em duas vertentes: O culto aos deuses pagãos, principalmente Baal e culto vazio ao Senhor, uma das maiores raízes de toda problemática. A problemática política, que tem maior fundamentação em Oseias e Isaías.

Esse distanciamento da verdadeira presença e vontade de Deus corrompe o pensamento e o comportamento, gerando a opressão e o descontentamento. Isso nos abre o campo para falarmos sobre o conceito do *mal*, que é como o mal influencia na aplicação das injustiças.

Sicre (1996, pp. 187-199; 215-233) define o *mal profético*, não do ponto de vista primário da metafísica, mas como a perversão da justiça definida na aliança com Deus, como a institucionalização da exploração dos mais frágeis e na opressão econômica como padrão. E ainda define o mal como ruptura da aliança social (Sicre, 2016, p. 131-139). Já Sayão (2022, p. 23-35) traz uma ampla abordagem sobre o que é o *mal* detalhando uma introdução à Teodiceia³² em seus diversos tipos, e exemplifica a questão do problema do mal estudando o livro do profeta Habacuque, o qual chega a questionar Deus sobre as questões injustas, fazendo conexão com as denúncias de Amós sobre os tribunais corrompidos, com Isaías em relação às elites opressoras e Miqueias, denunciando líderes também opressores. Sayão deixa claro que o *mal bíblico* não é apenas uma questão moral individualmente, mas também uma questão de desvios sociais no decorrer da história.

Fica claro, diante desse levantamento, que a ideia de justiça no Oriente Antigo representava muito mais que um conjunto de leis, mas era o que mantinha as sociedades, e por que não dizer, os impérios de pé. Em Israel, contudo, o peso da justiça era outro, pois estava totalmente ligada ao caráter de Deus e à sua aliança. O problema foi que esse conceito nem sempre se traduzia em prática, e é nesse espaço entre o que Deus ensinava e esperava e o que o povo praticava que surge a figura do profeta. No próximo capítulo, vamos entender quem eram esses homens e porque o Século 8º a.C. foi o cenário perfeito para que suas vozes, na maioria das vezes incômodas, ecoassem com tanta força.

³² Teodiceia é a tentativa teísta de lidar com o tripé “Deus todo-poderoso”, “Deus todo-amoroso: e “existência do mal”, de maneira a mostrar que, a despeito do mal, Deus continua justo, bom e poderoso. Palavra criada pelo filósofo alemão Gottfried Leibniz em sua obra “*Théodicée*” (1710).

2 O PROFETISMO

Para iniciar essa parte do relato da pesquisa, transcrevo a primeira frase de Schökel e Sicre Diaz (1988) no início de sua ampla discussão sobre o profetismo (1988. p.13), citando Santo Agostinho: “Através de homens e à maneira humana, Deus nos fala, porque falando desse modo ele nos procura”. Desde o início, já conseguimos entender que o princípio do profetismo significa a intenção do Senhor em se comunicar com os homens acerca de sua vontade, de nos revelar como está vendo o caminhar dos homens e o que ele espera que seja revisto para o restabelecimento da comunhão entre criatura e o Criador.

2.1 O QUE É UM PROFETA VERDADEIRO

De acordo com Amsler *et al* o termo profeta traduz aproximadamente o hebraico *nabi'*, constantemente utilizado no Antigo Testamento (1992, p.15). Sicre nos desafia um pouco mais quando afirma que, por mais que possa parecer estranho, não é fácil definir ou descrever um profeta (Sicre 1994. p. 191), visto que são pessoas com diferentes personalidades, características, atividades proféticas, linguagem e mensagem. Há, contudo, características essenciais que descrevem um profeta verdadeiro, tais como:

Um homem inspirado: Uma inspiração forte e reconhecível, dada a conexão que o profeta tinha com Deus. Suas palavras emanavam certeza, e não era necessário que utilizasse recursos como arquivos e documentos. Seu único ponto de apoio era a Palavra do Senhor.

Um homem público: Colocava-se sempre em meio aos interlocutores-alvos, não se distanciava e nem se retirava. Estava, a todo momento, em contato com o ambiente profético a que se destinava a Palavra do Senhor.

Um homem ameaçado: No âmbito de sentir nele mesmo o que o Senhor está declarando.

Observando a obra de Wilson (2006), notamos que há um aprofundamento do tema profecia com uma abordagem um pouco mais recente, inclusive citando a delimitação de padrões das palavras proféticas e, em alguns casos, relacionando as várias formas do discurso profético com seus contextos originais (Clements *apud*

Wilson, 1976, p. 51-75)³³ sem, contudo, ainda prover uma análise sistemática do tema. E, segundo Wilson (1976), analisando as inúmeras fontes de pesquisa, é possível delimitar três aspectos relacionados à dimensão social do trabalho profético, o que é o objeto principal de nossa pesquisa:

As funções sociais da profecia: Ewald destaca os profetas como agentes de mudança social (*apud* Wilson, 2011, p. 19)³⁴ e que tiveram papel crucial na história da religião israelita, servindo de modelo para as pessoas alcançarem um patamar mais elevado em sua espiritualidade. Duhm (*apud* Wilson, 2011, p. 19)³⁵ também compartilhou da mesma conclusão, considerando, ainda, contribuições significativas de ordem moral, ética e teológica.

A natureza da atividade profética: Wilson discorre sobre esse tema, identificando que, até hoje, os pesquisadores não formaram consenso sobre a natureza da atividade profética entre os profetas anteriores e os escritores (2011. p.20-24). A discussão fica em torno da distinção na atuação extática³⁶ dos profetas de Israel e a dos profetas pagãos do mundo antigo, bem como defendeu Smith (*apud* Wilson, 2011, p. 20) diferenciando a atuação profética extática entre os profetas anteriores e os escritores³⁷.

A contextualização social da profecia: Há uma intensa discussão sobre o contexto do serviço profético. Os profetas escritores atuavam no contexto social e religioso ou somente em um desses aspectos? Wellhausen, influenciador contemporâneo de Duhm, defendeu que os profetas anteriores influenciaram pouco a religião israelita, ao passo que os profetas escritores trouxeram transformação substancial no caráter do monoteísmo ético profético³⁸. Defendeu também, em contraposição aos seus antecessores, que os profetas trabalharam dentro e fora das estruturas religiosas e de poder, para mudá-las. Smith (1895) também defendeu que os profetas atuavam de forma ampla a partir do contexto religioso e no contexto social.

³³ Clements, R.E., *One Hundred Years of Old Testament Interpretation*, Filadélfia: Westminster Press, 1976)

³⁴ Ewald, H., *Die Propheten des Alten Bundes*, Göttingen, Vandenhoeck & Ruprecht, 1867.

³⁵ Duhm, B., *Die Theologia der Propheten*, Bonn, Adolph Marcus, 1875, p. 1-34.

³⁶ Atuação profética extática é um fenômeno religioso onde o profeta entra em um estado de transe (ou estase), sendo dominado por força divina que afeta seu corpo e mente, resultando em profecias, e comportamentos incomuns. Diferente da profecia clássica, focada na mensagem, a extática foca na experiência.

³⁷ Smith, W.R., *The Old Testament in the Jewish Church*, Londres, Adam & Charles Black, 1895. pp. 208-278).

³⁸ Wellhausen, J., *Prolegomena to the History of Ancient Israel*. Adam & Charles Black, 1885, pp. 414-419, 467, 477, 484, 491.

Quando Wilson (2006. p. 19-27) aprofunda o estudo das funções sociais da profecia, transita de Ewald, H. a Hölscher, G. passando por inúmeros autores e pesquisadores³⁹, os quais concordam que os profetas eram como agentes de mudança social, além de terem contribuições significativas de ordem moral, ética e teológica.

Vale a pena destacar a definição de (Merril; Rooker; Grisanti 2025. p. 543) que define profecia como “Uma proclamação inspirada da mensagem divina”⁴⁰.

Há uma publicação que traz muita clareza na definição do que é profecia, a qual menciono aqui para subsidiar ainda mais a compreensão do conceito, contudo não abrirei pontos específicos nessa pesquisa; trata-se do livro *A Ética dos profetas e sua implicação para nossos dias*, de Coelho Filho (1997).

Ainda tratando da definição do significado de profeta, Solano Rossi (2018. pp. 5, 6,11) nos traz um texto moderno o qual vai refletir muito na última parte da pesquisa:

A profecia não pode ser compreendida como a simples aplicação de normas eternas à situação humana. Trata-se, isso sim, de uma interpretação de um momento especial da história, uma compreensão divina da história humana, ou seja, compreender a profecia seria a mesma coisa que compreender o desejo e o projeto de Deus para a construção da sociedade humana. Mas o que seria, de fato, um profeta? De acordo com a Bíblia, o profeta, em primeiro lugar, é alguém que conhece profundamente a vida do seu povo. É um conhecedor da realidade, pois tem um olho nela e outro no futuro, isto é, no projeto de Deus. [...] Talvez a melhor palavra para descrever o que de fato caracteriza um profeta seja a palavra “hermeneuta”, ou seja, o profeta é, antes de mais nada, um intérprete da realidade em que vive. [...] A vocação dos profetas, fundamentada na prática da justiça e do direito, vivida publicamente e que deslegitima toda sorte de violência, pode ser percebida contemporaneamente como um antídoto contra a ideologia do individualismo, a qual estabelece fronteiras determinadas e intransponíveis em relação aos mais vulneráveis. Nesse caso, é correto afirmar que a literatura profética ilumina uma nova possibilidade histórica construída desde a periferia. Afinal, se nos reunirmos apenas ao redor de um Deus que protege somente os interesses dos que têm em detrimento dos que não têm e não são, podemos ter a absoluta certeza de que os novos impérios da violência e da opressão não estarão muito longe. A profecia, sem sombra de dúvida, é a voz que Deus emprestou aos pobres.

Finalizando essa questão sobre o verdadeiro profeta, trago algumas referências descritas em relação ao falso profetismo, considerado um *problema medular* da profecia (Schökel e Sicre Diaz, 1988. p. 45). Orígenes, na obra de Quell⁴¹, diz que “Nem todo aquele que exerce a medicina é médico, nem todo aquele que constrói é

³⁹ Verificar notas de rodapé das p.19-27 de WILSON 2006).

⁴⁰ RINGGREN, H. *Prophecy in the ancient Near East*, in COGGINS R.; PHILLIPS, A.; KNIBB, M. orgs., *Israel Prophetic Tradition*. Cambridge: Cambridge University, 1981, p.1

⁴¹ Quell, G. *Wahre und falsche Propheten*. Gütersloh, 1952. p. 32

pedreiro. Nem todo aquele que profetiza é profeta”, e enumera algumas características para, segundo os autores, desmascarar “o lobo vestido com pele de ovelha”, a seguir⁴²: são homens e mulheres (Ez 13:2,17); têm sonhos e visões (Jr 14:14; 23:16,25-27; Ez 13:6); dizem possuir a palavra de Deus (Jr 5:13; Ez 13:6; 22:28); introduzem suas palavras como se fossem as de Deus (Jr 28:2-11; Ez 22:28); profetizam em nome do Senhor (1 Rs 22:6; Jr 14:14); consultam a palavra do Senhor (1 Rs 22:5); são possuídos por espíritos (1 Rs 22:23,24).

Destaca-se que essas características, por si mesmas, não recebem repreensão, até o momento em que os verdadeiros profetas as denunciam em relação às aparências pessoais. Eles anunciam sonhos e visões mentirosos; Deus não os enviou e nem lhes falou; o seu próprio coração os inspirou; roubam ou copiam palavras de outros profetas.

Há falsidade em suas mensagens: confortam o povo com falsas seguranças; mantêm o povo no pecado; fazem o povo esquecer-se do nome do Senhor; pregam rebeldia contra o Senhor; impedem a verdadeira conversão ao Senhor; levam o povo à ruína; anunciam o que lhes é conveniente.

Há falsidade em seu comportamento: querem agradar aos homens; retratam piedade falsa; profetizam por lucro; exploram o povo; são amantes das coisas mundanas tais como o vinho, imoralidade, violência, mentira e suborno.

Shedd menciona, em nota de rodapé, no livro de Miqueias (Bíblia Shedd, 2026, p. 1245), que os falsos profetas sempre estiveram no meio do povo de Deus, e que, em concordância com as afirmações de Schökel e Sicre Diaz (1988) mencionando González & Von Rad, se caracterizam como enganadores, avarentos e longe da presença de Deus. Há uma extensa argumentação sobre esse ponto, contudo, como não é o objeto de nossa pesquisa, encerro somente como uma pontuação dentro desse subitem *O que é um profeta verdadeiro*.

⁴² Características descritas na obra de Gonzalez A. e Von Rad L. G. Profetas verdadeiros e profetas falsos (Salamanca, 1976, p. 276) e Volz, P. *False Prophets*, in Encyclopaedia Bíblica III – Londres: 1902. P. 3874-3876).

2.2 PROFETISMO NO ORIENTE ANTIGO

Conforme Sicre destaca (2016, p.60),

Em todas as culturas houve mediadores bons e maus, aceitos e proibidos. Mas esta distinção adquire grande força no mundo bíblico, que, além disso, amplia enormemente o catálogo de intermediários proibidos pelo Senhor. Com efeito, Israel conhece a existência de intermediários muito diversos entre os outros povos: sacerdotes e adivinhos entre os filisteus (1Sm 6.2); magos, agoureiros, adivinhos e astrólogos entre os babilônios (Is 44.25; 47.13; Ez 21.26); agoureiros, adivinhos e feiticeiros entre os egípcios (Is19.3).

É evidente a existência de um *sistema profético* em todo Antigo Oriente. Wilson (2018. pp.117-167) destaca em sua obra uma vasta documentação do Oriente Próximo Antigo que também reafirma essa existência como possíveis influências às profecias bíblicas.⁴³

Diante desse cenário, o autor segue trabalhando em relação à mensagem e à personalidade dos profetas baseado nos levantamentos antropológicos do Antigo Oriente Próximo⁴⁴, e conclui dizendo que todo o material estudado aponta uma relação muito complexa entre os profetas e a sociedade, e seria razoável supor que a profecia em Israel também apresentava esse tipo de complexidade.

Na literatura efraimita, observaremos os profetas recebendo títulos diversos, por suas características, suas personalidades, como destaca Wilson (2018. p. 170-296). Os títulos Nabi', Rô'eh e Hôzeh estão claramente descritos em 1 Crônicas 29:29.

Profeta / nabi': Era o título mais utilizado, ocorrendo muitíssimas vezes na literatura israelita (107 citações na literatura deuteronomista; 87, em Jeremias; 17, em Ezequiel; e, esporadicamente, em Crônicas, por 33 vezes, e.g., 1 Sm 10:5,6,10,11,13; Jr 26:20; Ez 37:9,10).

Vidente / rō'eh: É um termo utilizado na narrativa da procura dos asnos perdidos por Saul em 1 Sm 9:11,18,19 e aparece novamente no livro de 1 Cr 9:22,26,28 e 2 Cr 16:7-10, referindo-se a Hanani profetizando contra Asa.

⁴³ Argumentos em favor apresentadas por Meyer, E., *Die Israeliten und ihre Nachbarstämme*, Halle, M. Niemeyer, 1906. p. 451-455), entre outros citados na p. 116 de Wilson, 2006.

⁴⁴ Profecia na Mesopotâmia; Profecia nas Cartas de Mari; Profecia e Apocalíptica Acádicas; Profecia no Egito; Profecia na Palestina e na Síria (Wilson, 2018. pp. 127-166)

O homem de Deus / 'îs (há)'elōhîm: Ocorre cerca de 66 vezes na literatura efraimita e deve ser entendida no sentido de 'Servo de Deus', como que uma referência de honra ao profeta. E.g. 1 Rs 13:1; 1 Sm 2:27; 2 Rs 1;9; 4:9.

Os filhos dos profetas / b'ênê hann'ebî'îm: Termo utilizado exclusivamente às atividades proféticas durante os reinados de Acabe, Acazias e Jorão, identificando particularmente Eliseu em 1 Rs 20:35; 2 Rs 2:3,5,7,15; 4:1,38; 5:22; 6:1; 9:1.

Além dos profetas escritores, a literatura efraimita apresenta Abraão, Moisés, Samuel, Aías de Silo (aparecendo 2 vezes), Jeú, Elias, Eliseu e Hulda. Na literatura judaíta, também observaremos títulos dados aos profetas, com descrição detalhada sobre a atuação, sobre semântica e descritiva de todos os profetas (Wilson 2018. p. 297-343).

Visionário / hōzeh: Descrevendo aquele que vê ou que tem a visão. E.g., Am 7:12; Mq 3:5; Is 29:10; 30:10, entre outros (Wilson 2018. p. 299)

O Profeta / nabî': Com o mesmo significado e aplicação que vimos acima na literatura efraimita. É visto em Isaías (5 vezes), Amós (4 vezes), Miqueias (3 vezes), Ezequiel (17 vezes) e ocorrendo na literatura pós-exílica em Crônicas (33 vezes) e Zacarias (12 vezes).

2.3 O QUE FOI DENUNCIADO

Voltando à obra de Sicre (1994, p. 234), agora evidenciando o Século 8º a.C., o autor descreve a época como um fenômeno totalmente novo na profecia, o aparecimento dos profetas escritores, que deixaram relatado por escrito a sua obra. Antes de Amós, os profetas eram como reformistas, ou seja, propunham a correção da estrutura vigente, sem abandoná-la. A partir daqui o cenário muda, pois as advertências serão de corrosão total do sistema e a necessidade de reconstruir. Sicre (1994 p. 234) ainda destaca a existência de quatro profetas de grande relevância em apenas um século - Amós, Oseias, Isaías e Miqueias - sobre os quais trataremos na sequência.

Veremos, claramente, como citado previamente em nota de rodapé, no Século 8º a.C., três grandes problemáticas: A problemática social, presente nos quatro profetas; a problemática religiosa, a qual se divide em duas vertentes- o culto aos deuses pagãos, principalmente Baal, e o culto vazio ao Senhor, uma das maiores

raízes de toda problemática; e a problemática política, que tem maior fundamentação em Oseias e Isaías.

A partir de Sicre, então é apresentada uma extensa explanação (2011, p. 98-108), fazendo uma ponte desde a divisão do reino, com a morte de Salomão, das guerras entre as tribos irmãs, e as ameaças dos países vizinhos, repercutindo de maneira importante no Século 8º a.C. O cenário é incrementado, ainda, pelas secas prejudicando a agricultura e todo sistema econômico. Enfatiza ainda que, apesar de o Século 8º a.C. desfrutar de um relativo período de prosperidade, houve mais períodos de decadência do que de prosperidade, e que, na ocasião de tempos prósperos, não houve suficiência e continuidade para que o abismo entre ricos e pobres diminuísse.

Esses problemas sociais estruturais já estavam ocorrendo desde o Século 9º a.C., aumentando de proporções devido ao aumento da desigualdade na distribuição da riqueza. Além desse grande problema, há ainda outros destaques.

Um deles é o latifundismo, tema que tem como base a primeira repartição de terras, e que, com o surgimento da monarquia, toma proporções maiores. E essa problemática é atribuída principalmente aos pertencentes à classe alta e os líderes militares, e não propriamente aos reis.

Outro problema é a administração da justiça: Na época dos patriarcas, a justiça era garantida pela própria família (mishpacha), quando os anciãos eram os responsáveis pela solução dos conflitos surgidos na mishpacha (משפחה), nos tribunais de apelação na época de Davi, ou seja, havia a expectativa de que os decretos do Senhor prevaleceriam.

Outro, ainda é o comércio: também se tornou grande fonte de injustiças, lembrando que, desde o tempo final de Salomão, o comércio havia decaído muito, ressurgindo, em grandes proporções, no Século 8º. Veremos adiante a questão dos artigos de luxo, leitos de marfim como prioridade do olhar das classes altas, deixando de observar as práticas comerciais para a venda de produtos essenciais de subsistência social e agrícola. Vale a leitura do artigo “O profetismo israelita frente à prática do uso da balança falsa (Martins R. A., 2022), o qual retrata essa prática comercial fraudulenta.

E por fim, é a questão da defesa dos pobres: com o aumento de famílias que perderam suas terras, aumentou também o número de assalariados, sendo

defendidos prioritariamente pelos legisladores que trazem Dt 24:14⁴⁵ para a questão, expandindo a possibilidade de ajuda, utilizando Dt 23:25,26⁴⁶.

São mencionadas três possíveis explicações para o que ele chama de Crise Fatal. Alguns autores atribuem essa crise no Século 8º à influência da mentalidade cananita, a qual era totalmente diferente da mentalidade proposta pelo Senhor quando do estabelecimento do povo como nação. Uma segunda possibilidade é a descrita por Alt como “Burocracia Piramidal” (Alt *apud* Sicre, 2011. p. 105)⁴⁷, quando tudo começa, com a formação do patrimônio real e a distribuição de terras entre os militares, ministros e funcionários, sendo os últimos de origem cananita, o que leva essa classe dominante ao pensamento de constituir aumento de patrimônio. E, por fim, traz as considerações de Loretz (Loretz *apud* Sicre, 2011. P. 106)⁴⁸ que defende que essa já era uma prática utilizada em todo Antigo Oriente, chamada de Capitalismo das Rendas⁴⁹, que expressa o domínio das cidades sobre a economia agrícola.

Vale a pena olharmos as informações que De Vaux nos apresenta em sua obra (2004 pp. 92-103), descrevendo, de forma minuciosa, a transição da vida nômade para a vida comunitária na monarquia. O processo de ruptura do estilo de vida, da prática da justiça e do usufruto dos bens refletiu sensivelmente a partir da introdução da monarquia centralizada. A desigualdade ficou aparente e importante, criando contrastes, mas sem a categorização da população em nobres e plebeus, capitalistas e proletários como conhecemos hoje.

Avançando no texto de De Vaux, ele cita as desigualdades descobertas nas escavações arqueológicas em Tirsá (Tell el-Fâr’ah), onde as casas do Século 10º a.C. têm as mesmas dimensões e o mesmo formato, ao passo que, no mesmo sítio arqueológico, ao analisar as escavações do Século 8º a.C. “o quarteirão de casas ricas, maiores e mais bem construídas, é separado do quarteirão em que as casas pobres estão aglomeradas” (De Vaux, 2004, p. 97).

⁴⁵ Não se aproveitem do pobre e necessitado, seja ele um irmão israelita ou um estrangeiro que viva numa das suas cidades. Dt 24:14

⁴⁶ Se vocês entrarem na vinha do seu próximo, poderão comer as uvas que desejarem, mas nada poderão levar em sua cesta. Se entrarem na plantação de trigo do seu próximo, poderão apanhar espigas com as mãos, mas nunca usem foice para ceifar o trigo do seu próximo. Dt 23:24,25

⁴⁷ Alt. A. *Der Anteil des Königtums na der sozialen Entwisklung in den Reichen Israel und Juda*, in Kl. Schriften III, pp. 348-372)

⁴⁸ Loretz, O. *Die prophetische Kritik des Rentenkapitalismus*, in UF 7, 1975. pp. 271-278

⁴⁹ “Capitalismo das Rendas” é um termo criado por Bobek (*Rentenkapitalismus*)

Um artigo intitulado *Profecia Bíblica e Anarquismo na Tanakh* (Pestana, 2021) nos traz uma reflexão fazendo uma comparação do discurso de denúncias dos profetas anteriores (os quais não são nosso objeto de pesquisa), como um pensamento anarquista de tensão contra os monarcas para corrigir os excessos, e o pensamento anarquista da atualidade, o qual não é capaz de propor uma nova forma de governo, mas segundo o autor, também serve como ação corretiva. A ideia de mencionar esse artigo é de que diferentemente dos profetas escritores, que propunham a “reconstrução dos fundamentos corrompidos” os profetas anteriores tentavam corrigir.

Esse também é um tema para aprofundamento posterior na comparação da proposta dos profetas anteriores com a proposta anárquica atual.

Para finalizarmos esse contexto das denúncias, atrelando aos problemas estruturais do Século 8º a.C., menciono a obra de Bright, a qual nos traz muita evidência e clareza sobre o ambiente econômico (2018. pp. 311-315), informações importantes sobre o quanto a aparente prosperidade de Israel camuflava o real estado de decadência social, moral e religiosa, inclusive escrevendo “A prosperidade do século oitavo, foi de fato, um acesso héctico⁵⁰ de sua enfermidade mortal” (2018. pp. 316-317). Bright também nos aponta os “sintomas de enfermidade de Judá, ainda não no mesmo patamar em que sobreveio da decadência no Norte, mas já com fortes inclinações nesse sentido. (2018. p. 337-338).

2.4 AMÓS, OSEIAS E ISAÍAS

A partir daqui, de maneira muito breve, serão descritas as principais denúncias dos profetas Amós, Oseias e Isaías, seus contextos e as consequências. Não aprofundaremos pois não é o principal objeto da nossa pesquisa.

Amós, nativo de Tecoá, a cerca de 20 quilômetros de Jerusalém, no deserto da Judéia, era pastor (noqed / bôquer) que também plantava sicômoros⁵¹. Não há registros de sua família e foi chamado diretamente pelo Senhor. Destaca-se que, apesar de ter nascido no Reino do Sul (Judá), profetizou para o Reino do Norte. De acordo com seus escritos, tratava-se de uma pessoa culta.

⁵⁰ Héctica é um substantivo feminino relacionado à medicina que descreve um estado de consumpção progressiva, magreza extrema e debilidade do organismo. Frequentemente associada à febre contínua de longa duração (febre héctica), também é sinônimo de tísica ou tuberculose. O termo refere-se a um enfraquecimento lento, mas contínuo.

⁵¹ Sicômoros são figueiras bravas

Sua mensagem é de revelação da corrupção espiritual e material e da deterioração da justiça social e moral. Tudo isso em decorrência do distanciamento do relacionamento verdadeiro com o Senhor. Sua mensagem principal é “Um grito por justiça” (Harrison, 2017. pp. 1383, 1384)

O profeta Amós serviu ao Senhor no Reino do Norte entre 760 e 750 a.C., época em que Israel desfrutava de paz e prosperidade, o que, como já descrevemos anteriormente, foi decisivo para que a arrogância e egoísmo ignorassem as classes mais baixas. E esse egocentrismo acelerou o distanciamento de Deus. Profetizou durante o reinado de Jeroboão II.⁵²

Sicre citando Von Rad destaca o comentário sobre Amós 6:4-6 (1994. p. 239):

O que Amós nota que falta nas classes superiores é algo muito íntimo; não se trata da transgressão de determinados mandamentos, já que nenhum preceito proibia jazer em leitos luxuosos ou ungir-se de perfumes custosos, como nenhum obrigava a compadecer-se das desgraças de José, Há, pois, uma atitude global de que se queixa Amós, por senti-la ausente nos ricos: a compaixão solidária com os acontecimentos do povo de Deus⁵³

Sicre resume o que pretendia Amós com sua denúncia (2011. pp. 200,201): A conversão do indivíduo; uma sociedade fraterna, justa e sem diferenças de classes; o fim da opressão; explicitação que a mudança virá por meio da aplicação do Juízo Divino.

Oseias, filho de Beerí, profetizou no Reino do Norte ao mesmo tempo em que Isaías profetizava no Reino do Sul. Apesar de também ter sido contemporâneo de Amós, Oseias era nascido no próprio reino do Norte. A maior parte de seu ministério ocorreu entre 750-715 a.C., antes da queda de Samaria em 722 a.C. (Harrison, 2017. p. 1335).

Oseias foi o último grande profeta que Deus enviou ao Reino do Norte, antes que fossem destruídos e exilados pela Assíria. Ele apresenta uma mensagem do amor de Deus por Israel, independentemente do pecado.

O contexto do serviço profético de Oseias apresenta o resultado da perversidade dos 6 últimos reis, os quais aplicaram altos impostos, opressão severa contra os pobres, cultos pagãos e consequente distanciamento de Deus. Como estavam sujeitos à Assíria, as reservas foram acabando à medida que altíssimos

⁵² *BÍBLIA DE ESTUDO CRONOLÓGICA APLICAÇÃO PESSOAL* – Rio de Janeiro: CPAD, 2015. p. 791,797

⁵³ Von Rad, *Teología del Antiguo Testamento*, II, 175.

tributos eram pagos. Oseias profetizou também durante o reinado de Jeroboão II. Foi profeta contemporâneo de Jonas, Amós, Miqueias e Isaías.⁴⁸

Apesar de o foco principal das denúncias de Oseias não terem sido no aspecto da injustiça social, Sicre destaca um ponto muito importante sobre as intuições éticas do profeta, as quais seriam, posteriormente, reconhecidas por Jeremias (2011. p. 230,231) e ainda persistem atualmente:

Muitos cristãos não se angustiam com os problemas sociais, não sofrem com as grandes injustiças nacionais e internacionais, porque não estão convencidos de que esses fatos interessem realmente a Deus, Colocam-nas no pano de fundo de “possível lutas de classes” ou entendem-se como consequências e ambições das grandes potências. E o homem que sofre é só isto: vítima de interesses de partidos, classes sociais, sindicatos, impérios políticos e econômicos.

Finalizando esse breve relato, seguem com um pouco mais de detalhes, as principais denúncias do profeta Isaías, seus contextos e as consequências.

De acordo com as palavras de Unger⁵⁴, Isaías é o maior dos profetas e oradores hebreus, o que justifica ter recebido o título de *Príncipe dos profetas do Antigo Testamento*.

Isaías, filho de Amós (não o profeta), era cidadão de Jerusalém, nascido provavelmente em 760 a.C., durante o reinado de Ozias (Azarias), que reinou entre 767-739 a.C., época de grande fartura e sucesso político, militar e financeiro no reino de Judá, graças às grandes vitórias sobre os filisteus e demais reinos vizinhos, dos tributos recebidos, das grandes fortificações, desenvolvimento agrícola e militar (Schökel e Sicre Diaz, 1988. p. 92-93). Recebeu sua vocação profética por volta dos vinte anos, e, na sequência, se casou (não há menção ao nome) e teve dois filhos, Sear Jasub (um resto voltará) e Maher Salal Has Baz (rápido aos despojos).

Essa situação do Reino de Judá se manteve dessa forma no reinado de Jotão até o momento em que começam as hostilidades que levaram à guerra sirio-efraimita (Damasco e Samaria contra Judá) conforme descrito em 2 Rs 15:37. Já no reinado de Acaz (734-727 a.C.), essa guerra estoura levando o rei a buscar alianças com os Assírios (2 Rs 16:7-9), resultando em consequências ruins como o pagamento de tributos à Assíria, e instabilidade de sua independência, além de também ter entrado

⁵⁴ Merrill Frederick Unger (1909-1980) foi um comentarista bíblico, arqueólogo e teólogo americano. Autor do Dicionário Bíblico Unger, do Manual Bíblico Unger e do Comentário de Unger do Antigo Testamento.

em guerra contra os edomitas, acarretando a perda dos territórios da região de Elat, conforme descrito em 2 Rs 16;6.

Com a morte de Acaz, possivelmente em 727 a.C.⁵⁵, ao que indica simultaneamente à morte do rei Teglath-Falasar (Tiglath-Pileser) da Assíria, sobe ao trono de Judá o rei Ezequias, apontado como um dos melhores reis e mais fiel a Deus, realizando uma grande reforma religiosa e com grande inclinação a conquistar independência política, tornando-se um dos cabeças, junto com as demais províncias vassalas do império Assírio. Esse início de pensamento insurgente foi debelado pela ação de Sargão II (mais a intervenção de Isaías (Is 20:1-6), evitando que Judá se unisse aos rebeldes. Houve tempos de paz até 705 a.C. Com a morte de Sargão II, as províncias decidem insurgir-se e com isso começa uma guerra, quando Senaqueribe, rapidamente em 701 a.C., invade a Judéia e conquista 46 cidades fortalezas e sitia Jerusalém, mas se retira mediante notícias recebidas da Assíria, e com o pagamento de um altíssimo tributo de nove mil quilos de prata e novecentos quilos de ouro (2 Rs 18:14). Com a morte de Ezequias em 698 a.C., Manassés torna-se rei, imprimindo um período de corrupção no poder e na religião por aproximadamente cinquenta e cinco anos.

Isaías desfrutava de acesso direto à corte e foi um fiel conselheiro do Rei Ezequias. Profetizou de 740 a.C., ano da morte do rei Uzias, até por volta de 681 a.C. (Sicre, 2011. p. 247 informa até o ano 701 a.C.). Foi no reinado do cruel rei Manassés que Isaías morreu, segundo a tradição, serrado ao meio, conforme Hebreus 11:37 (Harisson, 2017. p. 1009), como também mencionado por Justino, Tertuliano e Agostinho, mas sem fundamentação comprobatória.

A sociedade estava em meio a uma grande revolta. Apesar das reformas produzidas por Ezequias e posteriormente Josias, a idolatria se acentuou durante o reinado de Acaz e Manassés, alcançando até mesmo a barbárie de sacrifício de crianças. Isaías começa trazendo uma mensagem de juízo divino para Israel e Judá.

A mensagem geral de Isaías transita entre dois pontos: o problema social e a política (Schökel e Sicre Diaz, 1988. P. 103), sendo que, na vertente social, recebeu influências fortes de Amós, mesmo que esse tenha exercido o trabalho profético no Norte. A problemática social é denunciada de uma maneira muito parecida com os

⁵⁵ De acordo com Schökel e Sicre Diaz, esse é um dos pontos mais discutidos da cronologia de Isaías, pois muitos autores julgam que Acaz faleceu no ano de 716/715 a.C.

fatos denunciados em Tecoa, ou seja, a crítica à classe dominante por conta de seu orgulho e luxo, da cobiça desmedida e pelas injustiças cometidas com os menos abastados. Juntamente com as denúncias políticas, Isaías insere a figura do Messias sendo quem vai reparar definitivamente todos os desvios apontados, trazendo justiça e direito, ocupando o trono davídico, conforme as profecias anteriores. De toda forma, as críticas gerais de Isaías buscavam a mudança de comportamento em relação aos desígnios do Senhor, como descrito logo no início de sua obra em 1:17 “...aprendei a praticar o bem; buscai a justiça, acabai com a opressão, fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva” (Bíblia Shedd, p. 946)

Do ponto de vista das denúncias de injustiça social, Sicre nos apresenta uma clareza da grande preocupação de Isaías com os órfãos e viúvas (2011. p. 259), relacionando com textos anteriores ao profeta que tratam do assunto com muito rigor (Ex 22:21; Dt 27:19; Sl 68:6; 146:9) sendo muito enfático quando faz referência a Dt 24:17 “Não defraudarás o direito do emigrante e do órfão, nem tomarás em penhor as roupas da viúva”.

Resumidamente, nos apresenta 3 ideias centrais do profeta (Sicre, 2011. p. 269):

O pecado social e a injustiça são as formas de trair a Deus. Há os que são especialmente responsáveis por essa situação: as autoridades, a simplificação dos problemas e a demagogia dos juízes desonestos.

Isaías não somente denuncia as coisas erradas e que não devem ser feitas, mas também reforça aquilo que deve ser feito. O autor explica que a força verbal utilizada frequentemente nos textos (*spT* e *ryb*) tem contexto judicial, exigindo-se não a Justiça Distributiva, a qual defende dar a cada um o que é seu, mas a chamada *justitia adiutrix miseri*⁵⁶, que é a que protege o miserável.

Enfim, de forma muito resumida, foi possível posicionar esses três profetas do Século 8º a.C. em relação às questões de justiça social, e agora entrarmos na pesquisa e análise de nosso objeto principal, o profeta Miqueias.

⁵⁶Wildberger apud Sicre. Wildberger, H. J. BK X (Neukirchen. p. 47)

2.5 MIQUEIAS E A JUSTIÇA SOCIAL

Esse é o tema principal da pesquisa cujo resultado aqui relato e ao qual mais me dediquei, pois foi o tema escolhido mediante o apelo de justiça social, tal qual Amós, porém, para uma delimitação apropriada continuaremos da forma a seguir.

Para iniciarmos a análise do livro de Miqueias, faço aqui um resumo.

O livro do profeta Miqueias não deve ser lido apenas como um registro histórico distante, mas como um grito de socorro que ecoa do coração do Século 8º a.C.

Miqueias, é, frequentemente, chamado de *o profeta do campo*. Operava na província de Moresete-Gade, trazendo uma perspectiva única, que difere da sofisticação urbana de seu contemporâneo Isaías. Enquanto Isaías circulava pelas cortes reais, Miqueias emprestava sua voz aos camponeses e rurais que viam suas terras, sustento e dignidade serem, sistematicamente, engolidos pela ganância das metrópoles, Jerusalém e Samaria. Como bem observa Lopes (2007), o que o profeta descreve é uma nação em estado de degradação espiritual e moral. A corrupção não era um desvio de conduta isolado; era uma doença estrutural que corria pelas veias dos tribunais, contaminava o comércio com balanças adulteradas e infectava até mesmo os templos, onde o sagrado havia se tornado mercadoria.

A força da mensagem de Miqueias reside na sua semelhança com o apelo de Amós, porém com uma carga emocional que revela a dor de quem vê sua própria vizinhança ser devastada. Miqueias utiliza metáforas perturbadoras e angustiantes, descrevendo os líderes de Israel e Judá como predadores que "arrancam a pele" e "moem os ossos" daqueles que deveriam proteger. Para ele, a injustiça social não era apenas um crime civil contra o próximo, mas como se fosse uma afronta direta ao semblante de Deus, o verdadeiro proprietário da terra sob o pacto da aliança. Waltke (2025) amplia essa visão ao demonstrar que a linguagem dura de Miqueias desenha o fim inevitável de uma era de abusos institucionais. O juízo anunciado pelo profeta não é um fim em si mesmo, nem um ato de vingança por um simples capricho de Deus, mas é um acerto de contas necessário com a história para que uma nova relação possa florescer. O juízo público, político e geográfico serve como uma purificação para remover as estruturas que corroíam o pacto de fidelidade e misericórdia estabelecido no Sinai.

Nesse cenário de crise profunda, Miqueias estrutura sua mensagem por meio de um *rîb*⁵⁷, ou oráculo jurídico-litigante. Nesse tribunal, Deus assume, simultaneamente, os papéis de acusador, testemunha e juiz. A acusação central é a hipocrisia religiosa de uma elite que mantinha uma fachada de fidelidade ritual enquanto promovia a degradação social no cotidiano.

Carson (2023) nos ajuda a compreender que o *Dia do Senhor* em Miqueias traz um julgamento que se expande como um “rugido de tempestade”. Esse julgamento não fica restrito ao campo teológico; ele é público e social, dismantelando a falsa segurança de quem acreditava que sacrifícios abundantes poderiam subornar a justiça de Deus. Miqueias denuncia que Deus não aceita adoração de mãos sujas de sangue e extorsão. Para o profeta, a verdadeira fidelidade à aliança é testada na forma como a sociedade trata seus membros mais vulneráveis.

É justamente no meio dessa tempestade de denúncias e lamentos, contudo, que Miqueias aponta para uma luz de esperança que se tornou um dos pilares do cristianismo. Azevedo (2022) destaca o simbolismo teológico de Belém-Efrata nessa jornada de restauração. A escolha de uma vila pequena, humilde e aparentemente insignificante para o nascimento do futuro governante messiânico é a prova definitiva de que Deus valoriza o que o mundo despreza. Enquanto os reis de Jerusalém construíam seus palácios sobre o sangue dos pobres, o Messias viria de uma origem simples para restaurar a dignidade do povo. Esse governante não viria para oprimir com o cetro de ferro da tirania, mas para apascentar o rebanho na força e na majestade do Senhor. Segundo a análise de Schökel e Sicre Diaz (1991), essa promessa de restauração reconfigura a própria identidade de Israel, sugerindo que a verdadeira liderança divina é aquela que promove paz, segurança e proteção efetiva para os oprimidos, transformando a desolação presente em um horizonte de redenção.

Aprofundando a dimensão da justiça social, Miqueias estabelece que a espiritualidade é absolutamente indissociável da conduta ética no espaço público. MacDonald (2010) reforça que o conhecimento de Deus não é um conceito filosófico ou uma experiência mística isolada; é algo que se prova na honestidade dos negócios, no pagamento justo de salários e na proteção sistemática daqueles que não são notados na sociedade. O profeta condena, veementemente, a institucionalização da

⁵⁷ O *rîb* (do hebraico ריב) é um gênero literário bíblico que imita um processo ou litígio judicial

opressão, em que as leis eram manipuladas por magistrados subornados para dar aparência de legalidade ao roubo de terras. Para Miqueias, o pecado do *latifúndio* era uma violação do princípio de que a terra é um dom de Deus para a subsistência de todas as famílias, e não um objeto de especulação e acúmulo por parte de uma minoria gananciosa.

Nesse contexto, o texto de Miqueias 6:8 surge como o tesouro interpretativo e a síntese de toda a ética profética. O chamado para "praticar a justiça, amar a misericórdia e caminhar humildemente com Deus" não é apenas uma frase de efeito, mas um padrão de vida rigoroso. Waltke (2023) discute como essa formulação retórica sustenta o argumento de que a verdadeira religião é uma expressão prática de justiça social. Carson (2025) complementa que esse passo é um chamado à vivência leal à aliança, onde a misericórdia (*hesed*) deve ser a motivação para a justiça (*mishpat*). Não há atalho religioso, nem oferta extravagante que possa substituir o cuidado genuíno com o próximo. Deus prefere a justiça à liturgia quando esta última serve apenas para esconder o egoísmo humano.

Ao transpor essa mensagem para a Igreja contemporânea, tema do próximo capítulo, o desafio de Miqueias torna-se ainda mais urgente e desconfortável. Vivemos em uma era de espiritualidade, muitas vezes, voltada para o bem-estar individual, para o sucesso pessoal e para o entretenimento religioso, negligenciando o mandato bíblico de denúncia contra as injustiças estruturais. Aplicar Miqueias hoje significa entender que a missão cristã é inerentemente profética e deve ocorrer no *portão da cidade*, o espaço público onde as decisões políticas e econômicas afetam a vida dos mais pobres. Como sinalizam Lopes (2007) e Azevedo (2022), a omissão da Igreja diante da exploração social, da corrupção nos sistemas de poder e da marginalização é interpretada por Miqueias como uma forma de cumplicidade silenciosa. A Igreja será chamada a ser a consciência moral da sociedade, anunciando a graça do Messias ao mesmo tempo em que exige uma ética que proteja a dignidade humana contra a voracidade do lucro desmedido.

A justiça social em Miqueias, portanto, não é uma ideologia secular, mas a manifestação prática do Reino de Deus. A Igreja atual deverá se perguntar se suas liturgias produzem frutos de equidade ou se servem apenas como um refúgio transitório. Se a adoração no templo não se traduz em socorro ao necessitado e em luta por direitos básicos, ela incorre no mesmo erro que levou Samaria e Judá ao

colapso. A mensagem profética nos lembra que a adoração só é plena quando as mãos que se levantam para louvar são as mesmas mãos que se estendem para combater a desigualdade.

Por fim, o ápice teológico do livro de Miqueias humaniza a face da justiça divina ao revelar que a restauração prometida não cancela a crítica social anterior, mas a resolve por meio da redenção. O profeta encerra sua obra com uma pergunta que define sua própria existência e o significado de seu nome: "Quem é Deus como tu?" (Mq 7:18). É o retrato de um Deus incomparável que, apesar de ser perfeitamente santo e justo para punir o mal, sente um prazer imenso em perdoar e restaurar. Essa tensão entre o juízo histórico e a graça restauradora é o que mantém o texto vivo e contemporâneo. A imagem final de Deus lançando as nossas transgressões nas profundezas do mar e renovando suas promessas milenares de fidelidade aos antepassados transforma o lamento em celebração. Miqueias nos convida a alinhar nosso coração ao coração de Deus: um coração que não suporta a injustiça, que se ira contra a opressão, mas que nunca desiste de reconstruir a dignidade do ser humano. É uma esperança *pé no chão*, fundamentada na certeza de que a última palavra de Deus sobre o seu povo e sobre a história não é a condenação, mas a redenção absoluta que une, finalmente, a justiça perfeita à misericórdia eterna (Lopes, 2007; Waltke, 2025; Azevedo, 2022).

Após esse resumo exegético, passo a trabalhar com maior detalhamento o contexto e a questão da justiça social em Miqueias.

Muitos autores descrevem o contexto histórico, características, datação da obra de Miqueias com dados variados, mas que não influenciam no propósito do profeta, visto que todas elas informam que o trabalho profético de Miqueias foi no reinado dos reis Jotão (742-735 a.C.), Acaz (735-715 a.C.) e Ezequias (715-686)⁵⁸.

Miqueias, nascido em Moresete-Gade, atual Tell el-Judeida (ou Tel Goded), uma cidade situada a 400 metros acima do nível do mar, nas colinas do sudoeste de Judá, e a cerca de 35-40 quilômetros de Jerusalém, fronteira com a Filístia (Rydelnic e Blum, 2024. p. 1285), uma cidade conectada a uma rede de fortalezas militares, que protegiam Jerusalém (Carson, 2023, p. 1237). De acordo com Sicre (2011. p. 324),

⁵⁸ Utilizei a datação dos reinados baseado em Waltke, 2025. p. 20 e Merrill, Rooker & Grisanti, 2025. p. 674

Miqueias era um homem simples, do campo, e até mesmo participante de grupos de oprimidos donos de pequenos rebanhos.

Seguindo o curso da história, vimos que as injustiças sociais denunciadas por Amós, seguidas pelas apontadas por Oseias e Isaías significavam um intenso estado de corrosão dos preceitos morais, éticos e religiosos. Governantes desonestos, latifundiários opressores, juízes corruptos formavam o pano de fundo para que a opressão das camadas mais indefesas aumentasse cada vez mais. Aliado a isso, havia uma casta de falsos profetas, que não denunciavam as coisas que desagradavam ao Senhor, mas, ao contrário, não viam conexão entre o pecado de Israel e as terríveis consequências do juízo do Senhor, com a empreitada do exército assírio (Waltke, 2025, pp. 17-19).

Sicre é enfático ao dizer que, em Miqueias, a denúncia social atinge os seus níveis mais altos e ressalta que ele é um dos maiores porta-vozes da justiça (2011. p. 323).

Para sermos objetivos na pesquisa sobre a questão da injustiça social em Miqueias, nos aprofundamos na exegese dos capítulos 2-3 e 6-7 (Sicre 2011. pp. 325-405), os quais são específicos nesse tema. Isso não quer dizer que os demais capítulos deixem de ter importância contextual e fundamental do trabalho profético de Miqueias.

Analisando o início da exegese do capítulo 2, o autor já descreve a interpretação de 2:1-5 do ponto de vista do povo e dos latifundiários. Essa divergência de interpretação gera uma discussão em 2:6-11, entre o profeta e os latifundiários, pois eles entendem que não devam temer pois Deus é bom e eles são honrados. E com essa discussão, abre-se a oportunidade de o profeta inserir novos personagens na discussão: os falsos profetas, que, segundo Miqueias, são os responsáveis por tais pensamentos, pois predizem mentiras e convidam à boa vida (2:11). Na sequência, veremos o oráculo de predição de salvação, que, segundo análise de Sicre (2011) há discussões sobre a autoria dessa parte, pois o texto é muito contrastante com as palavras anteriores e, por isso teria sido incluída por outro autor posteriormente, para suavizar a dureza profética. Sicre, contudo, prefere creditar as palavras de 2:12-13 aos falsos profetas, assegurando-se, nas afirmações de Van der Woude⁵⁹, pois dessa

⁵⁹ Van der Woude, A.S. *Micha in dispute with Pseudo-Prophets* in VT 19, 1969, pp. 244-260

forma a continuidade das advertências e denúncias fazem mais sentido e ganham força em 3:1-4 contra os falsos profetas, que só se movem por interesses pessoais.

O profeta Miqueias ganha ainda mais força a partir de 3:5-8 para denunciar os crimes de seu povo (notemos a amplitude da denúncia), mais especialmente, as autoridades civis e religiosas, anunciando um castigo terrível a Jerusalém. Sim, aqui já é apontado um responsável global por todo conjunto de opressões, que, segundo o autor escreve, “É a quintessência de todas as injustiças, ponto de partida dos males, beneficiária última da opressão” (Sicre, 2011. p. 400). Essa afirmação corrobora o que foi descrito nos capítulos anteriores sobre a diferença de pensamento dos profetas anteriores, os quais pretenderam modificar o sistema para melhorar o relacionamento com Deus, e o dos profetas escritores, que defenderam uma mudança estrutural em substituição à corrosão explícita de todo o sistema, ideia bem configurada em Miqueias.

Nos capítulos 2 e 3, veremos a questão do *latifundismo e distribuição das terras* (2:1-5), com o profeta denunciando o pecado, anunciando genericamente o castigo, e depois, o castigo concreto.

Há um destaque importante na análise do texto 2:4,5, apresentando de maneira sucessiva o pensamento dos latifundiários e o de Deus, retratando uma ambiguidade no versículo 4 pois as mesmas palavras cantadas pelos oprimidos em nome dos opressores, retratam a alegria dos primeiros e a alegria dos outros.

Notamos aqui a busca do entendimento do pensamento de Deus sobre o que é a verdadeira justiça. E o profeta nos traz a questão de que, ao contrário do que pensam os latifundiários, não há injustiça no fato da devolução das terras aos antigos proprietários, e esses não são rebeldes e infiéis, mas o verdadeiro povo de Deus. E nessa temática propõe a repartição das terras como benefício para toda a comunidade.

É importante ressaltar que, ao longo de toda sua obra, o autor não procura ser tendencioso a um pensamento dito ideológico de esquerda ou comunista, mas apresentar o entendimento da mensagem profética em suas raízes. E vamos falar sobre esse ponto no capítulo final.

Segue uma comparação que Sicre faz entre Miqueias 2 e Isaías 5:8-10⁶⁰:

⁶⁰ Tabela formatada por mim, baseado no texto comparativo de Sicre, 2011. p. 339,340

MIQUEIAS	ISAÍAS
Acusação Genérica	Sem comparações
Acusação Concreta: roubam, ocupam as casas e campos	Acusação Concreta: acrescentam e juntam
Consequências: Prejuízo para os pobres	Consequências: Vantagens para os ricos
Castigo Genérico	Sem comparações
Castigo Concreto: perderão seus campos	Castigo concreto: casas devastadas e vazias; campos improdutivos
Repartição da terra	Sem comparações

Isaías não expressou a vertente humana do problema da injustiça social, pensando apenas na ruína das casas e campos, já Miqueias abriu uma possibilidade de esperança para os pobres com uma expectativa de repartição de terras.

Sicre faz a conexão dessa questão dos latifundiários exercendo poder e tirania juntamente com os falsos profetas, com o relato da vinha de Nabote em 1Rs 21: Acabe queria a vinha – Nabote recusou – Jezabel interfere por meio de seu poder e influência junto às demais autoridades – Nabote passa de vítima a réu – É morto e perde sua vinha – Acabe consegue o que queria (Sicre, 2011. p. 341).

A partir desse relato histórico, é possível entender, perfeitamente, o que Miqueias estava denunciando.

Depois de uma intensa dissertação citando ainda textos de Neemias, Elias, e analisando o ceticismo do autor do livro de Reis, há uma uniformidade no entendimento da condenação do chamado *Latifundismo em nome de Deus*.

Miqueias propõe a ideia de colocar os leitores em contato com o que ele chama de “tipo mais perigoso”, aquele que acredita em Deus, invoca-o continuamente e se apoia nele e nas tradições para justificar suas ações. É o abuso da religião mantendo as injustiças sociais.

Depois de denunciar os latifundiários, agora confronta um novo opositor, o falso profeta, que, para justificar as ações dos latifundiários pretende que Miqueias se cale, o que leva o profeta do Senhor a repreendê-los na mesma medida. Vejamos o que o autor nos traz em relação a duas traduções do texto 2:6b (Sicre, 2011. p. 352):

- a) “a essa *gente*, os latifundiários, não fazem sermão advertindo-os que virá a desgraça se não mudarem de conduta”.

- b) “eles, os falsos profetas, não fazem sermão sobre essas *coisas*; dizem, pelo contrário, que não chegará desgraça”.

Os falsos profetas tranquilizam aqueles a quem deveriam alertar e exortar.

Há uma dura realidade no pensamento de Miqueias, de que os falsos profetas entendem o povo de Deus em sua totalidade, incluindo nesse caso, os latifundiários e eles próprios, ao passo que o profeta Miqueias deixa claro que os homens poderosos e quem os apoia não são povo de Deus, mas inimigos de Deus.

Sobre isso, há uma ponderação de que não se poderia esperar um pensamento e uma ação diferentes de uma pessoa com tamanho amor e compaixão, descrevendo a crueldade com que tratam seu povo; não há como esperar pensamentos lógicos e frios. Essa afirmação, contudo, não está contrariando as denúncias de Miqueias, mas o apoia trazendo a conformidade do pensamento do profeta com as queixas descritas no Sl 14:4 “Será que nenhum dos malfeitores aprende? Eles devoram o meu povo como quem come pão e não clamam pelo Senhor!” e ainda o texto de Pv 30:14 “...pessoas cujos dentes são espadas e cujas mandíbulas estão armadas de facas para devorarem os necessitados desta terra e os pobres da humanidade.”.

Antes de prosseguir, pontuo alguns ensinamentos importantes que Miqueias registra até aqui:

- Identificação clara dos opressores, na esfera política, econômica, jurídica e, sobretudo espiritual.
- Deixa clara e evidente a atitude dos opressores, apresentando-se como pessoas religiosas, conhecedores da lei e das tradições.
- A cobiça, o ódio, o amor e o desprezo aparecem de maneira muito evidente como sentimentos internos, reforçando a ideia de que do coração brotam as más ações.
- Refere-se aos oprimidos de maneira clara e objetiva, com palavras concretas e grande conhecimento dos problemas, demonstrando compaixão.
- Atribui grande responsabilidade a Jerusalém no fenômeno da opressão, chegando a afirmar que não somente os culpados devem desaparecer, mas também a capital (Sicre, 2011. p. 376).

Em uma análise dos capítulos 6 e 7, os quais também tratam da questão de injustiça, vamos observar que, no capítulo 6, há o relato de um grande julgamento. A única maneira de nos aproximarmos verdadeiramente de Deus e agradecermos por

todas as coisas que ele proporciona, é com um culto verdadeiro, e para alcançar um culto verdadeiro, é necessário trafegar pela estrada da justiça e da lealdade. Vemos o povo tentando recorrer ao culto como forma de alívio ou salvação, mas o Senhor rejeita esse culto. O profeta continua denunciando a injustiça e deslealdade justificando o castigo anunciado até que ocorre o arrependimento e a anunciação da salvação.

O texto em Miqueias 6:8-17, que ensina sobre o culto verdadeiro que o Senhor espera, com arrependimento, justiça e lealdade, estabelece um padrão, um paradigma fundamental para a Igreja Missional que podemos dimensionar em 3 pilares: Praticar a justiça; amar a misericórdia; andar em humildade com Deus.

Esses três pilares não são auto excludentes ou ainda observados individualmente, mas em unidade, pois a verdadeira adoração é ética, a ação social é um ato espiritual e o Reino de Deus é abrangente no aspecto social, econômico e político. Mq 6:8 demonstra que o relacionamento verdadeiro com Deus indica o porquê (Deus é fiel) e a ação prática demonstra o quê (justiça e misericórdia), dois pontos inseparáveis. Miqueias é enfático em afirmar que o Senhor está muito desapontado com o povo, em razão de todas as coisas que já fizera, e que não via méritos nas ofertas e holocaustos, mas que, por causa das práticas perversas, puniria o povo “...o que o Senhor exige: pratique a justiça, ame a fidelidade e ande humildemente com o seu Deus. (...) Poderia alguém ser puro com balanças desonestas e pesos falsos? ...” (Sicre, 2011, p. 376)

Sicre (2011) enfatiza a pergunta: “Quer Deus culto ou justiça”? Essa pergunta já havia perturbado a Amós, Oseias e Isaías, mas, em Miqueias, ela chega com uma fundamentação extraordinária nesse texto citado acima. A questão da injustiça aqui é tratada como uma injustiça para com Deus.

O profeta está dedicado a ensinar que o povo precisa oferecer algo diferente a Deus, e não simplesmente algo adicional. Deus já havia comunicado ao homem o que ele espera: praticar a justiça (*mishpat*⁶¹), amar a fidelidade (*hesed*⁶²) e mostrar

⁶¹ *Mishpat* (מִשְׁפָּט) é um termo hebraico bíblico que significa principalmente justiça, julgamento, ordenança ou direito. Mais do que um conceito legal abstrato, refere-se à justiça ativa e social, envolvendo retidão nas relações, proteção dos vulneráveis e a aplicação de decisões justas de acordo com o padrão.

⁶² *Hesed* (חֶסֶד) é uma palavra hebraica profunda e central no Antigo Testamento, frequentemente traduzida como amor leal, fidelidade, misericórdia, ou bondade amorosa. Vai além de um sentimento, indicando uma ação concreta de lealdade e compaixão, baseada em uma aliança ou relacionamento, especialmente a bondade incondicional de Deus para com seu povo.

atenção a Deus. Vejamos que essa combinação “direito/bondade (*mispat/hesed*)” já apareceu em Os 12:7 e Jr 9:23 (acrescido de *S^edaqâ*⁶³) e Sl 101:1. Coincidindo, segundo Sicre, com a combinação “direito/justiça” (*mispat / S^edaqâ*) muito frequente em textos de Amós, Isaías, Salmos e Provérbios.

Vemos, no livro de Miqueias, uma completa obra que manifesta a indignação do Senhor em relação ao tratamento do seu povo entre eles mesmos e em relação ao próprio Deus. Miqueias descreve uma sociedade dividida e contraposta. De um lado, os latifundiários, autoridades civis, militares, jurídicas, sacerdotes e falsos profetas; do outro lado o que Miqueias chama de meu povo. O indivíduo do povo e sua família são caracterizados pelos camponeses, os assentados em Jerusalém, as mulheres em geral, as viúvas e as crianças. Corajosamente, Miqueias toma a frente na defesa da ingratidão do povo em relação a Deus, sendo assim, também injustos com o Senhor Criador.

Como descrevemos anteriormente, existe uma raiz para todo esse comportamento. Apresentei no início, *o mal*, em toda a sua descaracterização moral como fundamento, e agora Sicre apresenta *a cobiça* como raiz para todos os males, relembrando o texto de 2:2: “Cobiçam terrenos e se apoderam deles; cobiçam casas e as tomam. Fazem violência ao homem e à sua família; a ele e aos seus herdeiros”. E o dinheiro dominando todos os setores em 3:9-11.

Há importante destaque de que, apesar de todas as denúncias, todos os anúncios de castigos genéricos e concretos, Deus deseja que a infidelidade seja superada, por isso interroga, instrui e exorta.

Cabe aqui, finalizando a pesquisa objetiva de Miqueias, e por que não, olhando, ainda que superficialmente, para os seus contemporâneos, perguntar quais os efeitos surtidos por todas essas denúncias. Foram efetivas? Os efeitos foram imediatos?

A pergunta central é: Essas denúncias tiveram efeitos reais ou apenas teológicos ou simbólicos?

Os profetas redefiniram o conceito de aliança, uma vez que o problema central não era apenas idolatria, mas injustiça estrutural como violação da aliança. Foi interessante ler o artigo de Solano Rossi e Santos (2022) sobre a relação do Espírito

⁶³ *Tzedaká* (צדקה), frequentemente transliterado como *Sedaqâ* ou *Tsedaca* é um conceito fundamental do judaísmo que significa, literalmente, justiça, retidão ou honestidade. Embora seja frequentemente traduzida como caridade, o seu significado profundo vai além da generosidade voluntária, representando um mandamento (*mitzvah*) e um dever moral de agir com justiça social.

de *Yahweh* com a justiça social. Isso moldou a interpretação dos eventos históricos como a queda de Samaria (722 a.C.) e a queda de Jerusalém (586 a.C.). O colapso nacional passou a ser visto como consequência ética, não apenas política (Perondi & Catenassi, 2023).

Também notamos uma transformação da religião israelita onde antes a religião era fortemente centrada em culto e sacrifícios e, depois dos profetas, passou-se a olhar a ética social como parte essencial da espiritualidade.

Observamos efeitos civilizacionais e teológicos de longo prazo, quando o maior impacto ocorreu séculos depois, como no judaísmo pós-exílio, com a consolidação da ideia de responsabilidade social e o desenvolvimento da literatura sapiencial e rabínica com forte ética comunitária.

O livro de Miqueias é, ao mesmo tempo, denúncia pública e anúncio de esperança. A sua voz enfrenta a corrupção de lideranças, as desigualdades sociais e a negação da aliança, sem perder de vista a promessa de restauração que brota de Belém, sob a liderança de um pastor justo. A leitura da Bíblia, articulada com as pautas dos autores citados, oferece uma linha interpretativa que não reduz o profeta a uma lista de condenações, mas o coloca no centro de uma teologia que vê em Deus não apenas o juiz, mas também o restaurador. Assim, Miqueias convoca a comunidade a uma prática de justiça, a uma misericórdia que transforma relações e a uma humildade diante de Deus, uma combinação que continua relevante para a vida de fé nos dias de hoje.

Como já mencionado, Miqueias não é apenas uma denúncia do passado em relação a justiça social e responsabilidade comunitária, mas um convite contínuo para que a Igreja, para que os cristãos se voltem contra a opressão institucionalizada, promovam políticas públicas justas e tratem os vulneráveis com dignidade. A ética de vida descrita por Miqueias deve acompanhar a fé. Não basta culto formal, mas a prática de justiça e misericórdia são a expressão autêntica da fé. A esperança messiânica como motor de fé, e a promessa de um governante justo que viria de Belém aponta para uma esperança que sustenta a comunidade durante crises, o nosso Cristo, lembrando que a história de Deus com o seu povo é dirigida a um propósito de paz e justiça.

Ao olharmos para Miqueias, percebemos que o seu grito e descontentamento não eram apenas por uma possível reforma social, mas por uma urgente e genuína

volta do povo ao coração de Deus. Para Miqueias não era possível existir fé verdadeira em um ambiente de opressão. E esse diagnóstico de Miqueias não ficou estacionado em seu tempo, mas, como um legado, percorreu séculos e chega até nossos dias. No próximo capítulo vamos dar um salto no tempo para entender como a Igreja, desde a sua constituição até os dias atuais, lida com a mensagem de Miqueias. O desafio será descobrir se a Igreja contemporânea ainda consegue ouvir e interpretar o que Miqueias disse (e diz) sobre justiça, e, ainda, quais seriam as formas de agir.

3 A JUSTIÇA SOCIAL NA IGREJA

No Cristianismo do Século 1º, vemos Jesus e os apóstolos retomando diretamente a tradição profética como, por exemplo, Marcos 6, retratando a chegada de Jesus vindo da periferia (Ferreira de Oliveira; Gonzaga, 2021. pp. 185-187), a crítica de Tiago 5 (MacNight, 2025. pp. 420-436), Mateus 23:1-39 condenando a hipocrisia dos religiosos, como também refletindo no pensamento social da igreja moderna, como exemplo na doutrina social cristã, movimentos abolicionistas, ética dos direitos humanos, entre outros.

Faço agora uma ponte do profetismo do Século 8º a.C. para a época de Jesus e da Igreja Primitiva. É importante trazer o destaque de Rooker (Merril; Rooker; Grisanti, 2025. p. 550), em que os autores informam que o judaísmo sustenta que a profecia teria cessado com o término do Antigo Testamento (*Tanakh*) de acordo com textos como 1 Mac 4:44-46; 9:27; 14:41; 2 Ap Bar 85:1,3; Ct. R. 8:9,10; Num. R.: 15:10, entre outros. Essa mesma tradição judaica, porém, acreditava que o Messias traria um novo tempo de profecias. E como sabemos, o Novo Testamento nos apresenta Jesus como profeta pelo povo, como descrito nos quatro evangelhos (Mt 16:14; Mc 6:15; Lc 7:16 e Jo 4:19, entre outras menções nos evangelhos), além de o próprio Jesus referir-se a si mesmo como profeta (Mt 13:57; Mc 6:4; Lc 4:42 e Jo 4:44), ou seja, há a incontestável confirmação de que Jesus é o Grande Profeta prometido por Moisés:

O Senhor, o seu Deus, levantar-se-á do meio de seus próprios irmãos um profeta como eu; ouçam-no. Pois foi isso que pediram ao Senhor, ao seu Deus, em Horebe, no dia em que se reuniram, quando disseram: "Não queremos ouvir a voz do Senhor, do nosso Deus, nem ver o seu grande fogo, se não morreremos!" O Senhor me disse: "Eles têm razão! Levantarei do meio dos seus irmãos um profeta como você; porei minhas palavras na sua boca, e ele lhes dirá tudo o que eu lhe ordenar. Dt 18:15-18

Essa afirmativa do autor é importantíssima pois traz a realidade de um dos principais ministérios do Senhor Jesus, que foi o de continuar profetizando e denunciando as injustiças sociais, evidenciando o papel da Igreja no cumprimento da *Missio Dei*⁶⁴, que passa a fazer parte integral do cumprimento da vontade do Senhor, conforme enfatiza Nascimento (2015, p.213):

o protagonista da missão não é mais a agência missionária, ou a igreja local ou o missionário, mas o próprio Deus. Estar na missão deixa de ser um envolvimento em ações da igreja tão somente para os "não cristãos", mas um

⁶⁴ *Missio Dei* (do latim: missão de Deus) isto é, a autorrevelação de Deus como aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo.

compromisso e uma parceria total com o que Deus quer fazer no mundo. (Nascimento, 2015, p. 123).

Padilla (2009; 2011) defende o conceito de Igreja Integral no sentido de que a evangelização não deve seguir separada da ação social. O propósito divino se apresenta de maneira integral no alcance do indivíduo por meio de um organismo chamado Igreja, o qual acolhe, nutre, edifica nos sentidos espirituais e físicos.

Fazendo coro com a argumentação de Padilla, Torgan (2017, p. 347) propõe um pleno entendimento do que seja a Missão Integral, cuja proposta mencionada no capítulo dedicado a Miqueias precisa ser compreendida como a busca de “religar evangelização com ação social”, pois o ser humano é um ser indivisível de corpo, alma e espírito.

Shedd escreve (1984, Prefácio) que:

A injustiça social destaca-se como inimigo principal tanto dos homens como de Deus e acrescenta que todo cristão deve se conscientizar de que a Bíblia não nos permite acompanhar indiferentemente a miséria dos que são oprimidos por impiedosos dominadores avaros.

3.1 IGREJA NO 1º SÉCULO

Como já afirmamos anteriormente, Jesus se coloca entre os profetas, sejam eles de seu próprio berço histórico-geográfico, pois sua origem, a Galileia, está localizada na região do Reino do Norte, onde profetizaram Elias, Eliseu, Amós, Oseias e Jonas, além de compartilhar de um contexto político-religioso tal qual os profetas de Judá, Isaías e Miqueias (Ferreira de Oliveira e Gonzaga, 2023).

Dessa forma podemos afirmar a veracidade do ministério profético do Senhor Jesus, denunciando, tal qual foi feito por Miqueias no Século 8º a.C., a mesma religiosidade mascarando e protegendo aqueles que oprimiam o povo como também os próprios opressores. Percebemos, assim, a persistência da prática do pecado e distanciamento da justiça e a *Missio Dei* seguindo seu curso, mas agora com a atuação do próprio Deus encarnado, na pessoa do Filho encaminhando as palavras de Boas Novas.

Julgando ser importante contextualizar a realidade econômico-social no início do período neotestamentário, utilizamos, ainda que resumidamente, a obra de Joaquim Jeremias (1983). O autor separa as classes sociais em *A Corte*, formada pelos descendentes da dinastia Herodiana, habitantes de luxuosas construções e com um padrão de vida repleto de ostentação. *A Classe Rica* é composta por altos negociantes, grandes proprietários de imóveis, cobradores de impostos e investidores que viviam de renda, incluindo-se alguns componentes do Sinédrio. *A Classe Média* é composta de pequenos comerciantes atuantes em algum dos mercados da cidade,

artesãos proprietários das oficinas de tecelagem. E *Os Pobres*, cujas informações, segundo Jeremias (1983, p. 200), foram alcançadas por fontes literárias, visto que há poucos escritos descobertos em Qumran, de antes de 70 d.C., e dessa classe social descreve as viúvas, citando a viúva pobre de Jerusalém que ofertou 2 moedinhas no Templo, ou ainda, aquele que dispondo de 4 pombos, levou somente 2 ao Templo. E incluídos nesse grupo estão os pobres, os escravos e diaristas. Os escravos não representavam grande papel na economia agrícola, mas atuavam sobretudo como serviçais nas casas, mas em número muito reduzido. E dessa classe de pobre havia um grande percentual que vivia de auxílios, como por exemplo, os escribas, aos quais era terminantemente proibido receber remuneração pelo trabalho em si.

O custo de vida em épocas de normalidade já era, por si só, muito alto devido às características geográficas e pluviais da cidade, o que se agravava ainda mais em situações de calamidade. A cobrança de impostos altíssimos e cobrados de maneira inflexível também colaborava para um ambiente que desfavorecia a justiça social. Informações detalhadas sobre os integrantes de cada classe social podem ser devidamente observadas em Jeremias (1983. pp. 201-494).

Seguimos adiante com uma crítica de Tiago direcionada aos opressores (MacNight, 2025). Logo na introdução da obra, o autor prepara o leitor acerca da grandiosidade da Carta de Tiago em relação às críticas sociais e de como o documento seria julgado como subversivo, caso fosse enviado a certas comunidades cristãs de países que oprimem e exercem violência. Não vamos nos deter sobre a autoria, ou sobre a informação de que Tiago seria o irmão de Jesus, ou, ainda, outras considerações, mas sim observar as críticas contidas nos capítulos 4 e 5. Toda a Carta de Tiago está alicerçada em dois principais pontos: a sua teologia e a sua ética. Tiago apresenta uma teologia judaico cristã sem margens para qualquer outra doutrina, e apresenta Deus como o criador, legislador e julgador, único, simples e imutável. E segundo a sua ética, a intenção de Deus é dar à luz a nova criação por meio da morte. E essa estrutura é fortemente amparada pela observação da *Torá*, a qual, em última análise, intenciona a verdadeira e harmoniosa relação com Deus, agora na figura de Cristo.

No capítulo 2, Tiago já esclarece a proibição da acepção de pessoas, sendo muito enfático nos versículos 5 a 7 quanto à opressão dos ricos sobre os pobres e que esse comportamento fere a vontade soberana do Senhor.

O capítulo 4 é apresentado como uma advertência ao pensamento de que o homem obterá sucesso por meio de suas próprias experiências, e Tiago chama isso de insubmissão a Deus, ou, ainda, de pecado de presunção, referindo-se aos mercadores da mesma forma que se refere aos ricos opressores, ou seja, os ricos opressores não são considerados *messianistas*, ou, ainda, Tiago não os considera como irmãos. Não deixa, contudo, de instruí-los e exortá-los sobre a brevidade da vida e da possibilidade real em Cristo de revisarem suas condutas com o texto em 4:17: “Pensem nisto: Quem sabe que deve fazer o bem e não o faz, comete pecado”, ampliando sua mensagem para um nível maior que o de direcioná-la somente os pecadores opressores, mas também alcançando seu público cristão.

Na primeira parte do capítulo 5, Tiago é enfático sobre o pecado da opressão já se dirigindo, como Jesus fazia, às pessoas ricas, que, segundo a interpretação de MacNight, era como um código que designava os opressores da comunidade. Os ricos são chamados a se humilhar no capítulo 1, agora são avisados sobre uma miséria intensa e um grande pesar, ou seja, o juízo de Deus sobre todas as opressões que exerciam. Há uma forte exortação acerca da efemeridade das riquezas e posses, e que todas as opressões aos pobres já estão na “mesa de julgamento” do Senhor. Conforme o que já fora descrito no Antigo Testamento sobre as opressões, a oração e lamento do pobre e a promessa de juízo do Senhor, escreve em 5:4 “Vejam, o salário dos trabalhadores que ceifaram os seus campos, e que vocês retiveram com fraude, está clamando contra vocês. O lamento dos ceifeiros chegou aos ouvidos do Senhor dos Exércitos”. Essa denúncia está respaldada em Lv 19:13 e ainda em Dt 24:15. Tiago, conforme descrito no início desse capítulo, tem, em sua literatura, o respaldo da Torá, explicitando que Deus não muda e suas direções também não mudam. Tiago ainda denuncia a riqueza e o luxo, os quais não seriam objeto de denúncia caso não tivessem sido conquistados à custa da opressão e defraudação dos pobres. São conquistas resultantes de ações pecaminosas, ou seja, de ações que contrariam o pensamento de Deus. Por fim, Tiago exorta a comunidade cristã, sobretudo os pobres, a serem pacientes, confiarem plenamente na justiça divina, a qual ocorrerá com a vinda do Senhor. Orienta, por fim, para que os cristãos, no exercício pleno de fé, não se voltem uns contra os outros, para que não tomem o lugar de julgador, mas que Deus em sua infinita bondade e misericórdia, poderá fazer e refazer todas as coisas.

Dessa forma, concluímos que as denúncias dos profetas do Século 8º a.C. sobre injustiças sociais ainda repercutiram nos tempos de Jesus e da Igreja Primitiva, conforme vimos em Tiago.

3.2 IGREJA ATUAL

Dando um salto de séculos, vamos procurar observar como e se a Igreja Cristã também lida com questões de injustiça social atualmente.

Início esse tópico citando uma afirmação de Bonneau (2003):

Entretanto, é evidente, a liberdade cristã liberta (dialogando sobre 2 Cor 3:17). A Igreja não pode se prender à letreados textos bíblicos, na sua doutrina, em sua sede de poder, nem na lentidão do vivido e de práticas. Quando um vento de liberdade sopra sobre a Igreja, ele se espalha também sobre a sociedade em favor do pobre, do pequeno, dos excluídos e dos menos favorecidos. (Bonneau, 2003. p. 281)

Apesar de essa citação ser um dos fundamentos da Teologia da Libertação, Bonneau (2003. p. 282) se afasta dessa linha de pensamento afirmando que “A Igreja-profeta no mundo não é o ‘Ópio do Povo’, mas a Igreja Profética é a ‘Vitamina do Povo’”, seu sopro, seu dinamismo, um catalizador que desperta para a ação e para a mudança. Defende a Igreja como agente importantíssimo da Missio Dei, destacando que, acima de tudo, a caridade deve ser o estandarte do profetismo cristão.

Apesar de não objetivar aprofundamento nesse tema, é importante fortalecer que a busca da igreja na atenção social, deve se distanciar dos princípios fundamentais da Teologia da Libertação, pois enquanto a Teologia da Libertação utiliza o Evangelho como ferramenta com fins políticos e ideológicos, a justiça social inspirada por Deus é o fruto natural de uma vida transformada pela Graça, de submissão ao senhorio e exemplo de Cristo. De um lado a Teologia da Libertação propõe a redistribuição de renda e poder, por outro a justiça bíblica busca a restauração do Shalom (paz e integridade) por meio da misericórdia e preceito bíblico (Keller, 2013, pp. 180-185).

Shedd provoca a teoria evolucionista, que afirma que o homem cresce e evolui de acordo com a prevalência de sua força e adaptação, e ainda combate a teoria marxista, que negou qualquer essência no ser humano, afirmando que “a participação comum de toda a humanidade na Imago Dei significa que todos os homens são herdeiros inalienáveis da dignidade e significado intencional”. Esse texto foi importante na pesquisa pois combate, frontalmente, três fatores citados por Shedd para o

possível desinteresse da Igreja pelos assuntos de injustiça social, sejam eles (1984. p. 3):

- Uma tradicional compreensão antecipada da Bíblia, criada pela amarga controvérsia entre fundamentalistas e modernistas, que encorajou os evangélicos a reagirem contra o evangelho social, e se apegarem tenazmente às promessas de salvação de uma vida perfeita além-túmulo.⁶⁵
- O impacto negativo da aliança socialista com o ateísmo exemplificado no desafio marxista a todo tipo de religião e liberdade.
- A convicção de que a tentativa de ganhar o mundo deve preceder qualquer esforço sério para melhorá-lo.

Shedd (1984) defende que o fundamento para a eliminação da injustiça social é a conversão espiritual sobrenatural, modificando a mentalidade e a percepção do papel do convertido acerca do seu papel como cristão. Essa obra de Shedd, apesar de muito curta, nos traz reflexões significativas, tal qual a conclusão na página 30:

Ao concluir, talvez seja proveitoso comparar os evangélicos e os neoliberais (ou nova esquerda) ao jovem rico que procurou Jesus, pedindo-lhe para avaliar sua interpretação dos mandamentos de Deus (...). Os evangélicos abonados sentir-se-iam entristecidos com a condenação irrestrita por parte de Jesus sobre a tendência de pensar que o conhecimento é virtude e a percepção do mal se compara ao desejo de desarraigá-lo? Com certeza, ficariam espantados e tristes se Jesus tornasse claro haver necessidade de entender literalmente seu ensino, e.g. “Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo o quanto tem, não pode ser meu discípulo. (Lc 14:33)

Sicre nos deixa três perguntas no final de sua obra (2011. p. 580,581):

- 1- Serviu para alguma coisa a crítica profética? A rigor, atualmente, continuamos a viver os mesmos problemas citados pelos profetas, e nem eles promoveram levantes e anarquias, mas sua mensagem perdurou até hoje no sentido de promoção da vontade justa do Senhor de cuidar dos que mais necessitam, e que precisamos doar nossas vidas, enquanto cristãos, para o bem do próximo.
- 2- O que deve caracterizar a denúncia profética? Compartilhar do amor com as pessoas, todas elas; demonstrar preocupação especial com os mais fracos; não limitar o discurso às mudanças estruturais, mas trabalhar pela mudança do coração e de atitudes; tratar da questão de justiça social como componente de

⁶⁵ Glock C. Y. afirma que com relação às questões sociais, os ministros têm maior probabilidade de manter silêncio em proporção direta à sua teologia conservadora.

um ambiente maior, e não isoladamente; amar os inimigos, tal qual Jesus fez; e se nada mudar, continuar confiando que Deus está no comando de tudo.

- 3- O Novo Testamento corrige os profetas? Resumidamente, Sicre explica que Jesus não elimina a mensagem dos profetas, mas traz essas mensagens de um ponto de vista e ações mais práticas de perseverança e esperança.

3.3 A IGREJA DEVE AGIR?

A essa altura do trabalho, já está muito claro o papel do cristão, e por que não dizer, da Igreja em atuar de forma firme na questão da justiça social.

Keller começa o capítulo *O que significa fazer justiça* (2013. p. 23) com um texto de Mq 6:8 “Ó homem, ele te declarou o que é bom. Por acaso o Senhor exige de ti alguma coisa além disto: que pratiques a justiça, ames a misericórdia e andes em humildade com teu Deus?”. E resume esse texto, enfatizando que justiça significa cuidar dos mais vulneráveis, praticar a *mishpat*⁶⁶ em conjunto com a *hesed*, ou seja, agir com um propósito.

O cristão genuíno age em defesa da justiça pois está refletindo o caráter de Deus, como já vimos, o Senhor se preocupa com os vulneráveis, defende os fracos e se agrada de relacionamentos corretos, pois isso é justo diante do Senhor.

Keller (2013) afirma, ainda, que justiça inclui generosidade, ou seja, não é simplesmente observar, julgar e ajuizar um erro, mas acima disso, ajudar a quem foi oprimido. Cita o texto de Mt 6:1,2 - quando Jesus adverte sobre as ofertas dadas aos pobres, as quais são obras de justiça. Então devemos ofertar com generosidade, pois quando retemos a oferta generosa, não somos somente mesquinhos, mas injustos. O autor cita também a Carta de Tiago, a qual estudamos no capítulo da Igreja Primitiva, trazendo o paradoxo de que “o pobre deve gloriar-se na sua alta posição, e o rico na sua humilhação, porque passará como a flor silvestre.” (Tg 1:9,10), evidenciando que a preocupação com os pobres e o compartilhar generoso das riquezas são marcas de quem realmente entendeu o evangelho. A identidade do cristão não deve ser fundamentada, pela sua classe social, logo uma fé sem respeito, amor e preocupação prática com o pobre é uma fé morta. Keller, de certa forma, também concorda com Shedd, ao afirmar que muitos cristãos não demonstram verdadeira preocupação com

⁶⁶ Keller 2013, p. 25 aprofunda um pouco mais o conceito de *Mishpat*, dizendo que o significado vai muito além de tratar os outros com imparcialidade, mais do que punir de maneira justa pelo erro cometido, mas assegurar os direitos de cada um.

os pobres, mesmo crendo que exista “um coração adormecido” em relação ao pobre e que precisa ser despertado, e cita um sermão de um pastor escocês do Século XIX.⁶⁷

É necessário destacar aqui a consonância existente entre a obra de Santos (2019) na relação dos *Invisíveis da Terra* e Deuteronomio, e a menção que Keller (2013, p. 25) faz ao filósofo cristão Wolterstorff,⁶⁸ o qual em sua obra descreve o chamado *Quarteto da Vulnerabilidade*, referindo-se aos órfãos, viúvas, estrangeiros (incluindo imigrantes) e os pobres. Keller (2013) amplia os integrantes desse quarteto, adicionando, ainda, os refugiados, imigrantes, sem-teto e pais ou mães solos. Alinhando esse grupo definido por Santos (2019) e Keller (2013) aos princípios da Missão Integral, conseguiremos entender, objetivamente, os pontos de tensão da justiça social com esse grupo:

- Falta de poder e proteção: Eles formavam e formam um grupo, biblicamente e socialmente, sem proteção social, sem estrutura familiar de apoio e sem condições econômicas para garantir seus direitos;
- São o alvo da justiça de Deus: Deus se identifica com esse grupo vulnerável como seu protetor, e a forma como a sociedade se manifesta em relação a eles determina o quanto é verdadeira sua fé.
- Fundamento da Graça Divina: Keller (2013) enfatiza que cuidar desses grupos não é uma questão de mérito, mas é uma resposta de justiça generosa para a Graça de Deus. As obras são, então, referenciais de quem realmente foi salvo pela Graça.

Na prática, para que a Missão Integral seja desenvolvida, o *Quarteto da Vulnerabilidade* ou ainda *Os Invisíveis da Terra* são como um alvo para o qual a demonstração do amor de Deus é urgente e necessária.

Fechando essa parte, quero destacar um importante movimento que acredito que sintetiza a resposta da pergunta: A Igreja deve agir?

Um exemplo de união de esforços (Não o único!) para responder a várias demandas desse nosso mundo contemporâneo que precisa conhecer mais de Deus é por meio de uma Igreja Missional e Integral.

⁶⁷ *The Sermons of Robert Murray McCheyne.*

⁶⁸ Wolterstorff Nicolas. *Justice: Rights and Wrongs.* Princeton: University Press, 2008

Faço referência ao Pacto de Lausanne, firmado durante o Primeiro Congresso Internacional sobre Evangelização Mundial (ICOWE), em julho de 1974, em Lausanne, Suíça, sob a liderança de Billy Graham e John Stott. O evento reuniu mais de 2.300 líderes cristãos de 150 países com o propósito de estabelecer uma declaração teológica para a missão cristã e promover a evangelização ativa, com o lema *Que a Terra Ouça a Sua Voz*. E do pacto de Lausanne, destaco o item 5, o qual apresento nos Anexos, que trata da responsabilidade social cristã⁶⁹.

3.4 COMO A IGREJA DEVE AGIR?

Para falarmos desse ponto importantíssimo, que é a própria ação, trago uma reflexão importante sobre como agirmos pela justiça social de Deus, orientados pelos princípios bíblicos, e não por uma justiça social ideológica com qualquer viés que não seja o do amor verdadeiro.

Em uma publicação recente, chamada *Por que a Justiça Social não é a Justiça Bíblica: Um apelo urgente aos cristãos em tempo de crise social*, Allen traz uma discussão muito profunda sobre os cuidados que o cristão deve observar em sua caminhada para não cair em práticas anticristãs que podem aparecer travestidas de algo bíblico (Allen, 2022).

São estas as definições primárias trazidas por Allen:

- Justiça bíblica: Conformidade com o padrão moral de Deus revelado nos 10 Mandamentos e na regra áurea *Ama ao próximo como a ti mesmo*, subdividida em justiça comunitária (viver em um relacionamento correto com Deus e com os outros; dar às pessoas o que é seu por direito como portadoras que são da imagem de Deus; e justiça distributiva (emissão parcial de juízo, correção de transgressões e distribuição de penalidade pela violação da lei, reservada a Deus e às autoridades por ele ordenadas, entre outras: os pais no lar, os presbíteros na igreja, professores na escola e autoridades civis no Estado.)
- Justiça social: Desconstrução dos sistemas e estruturas tradicionais tidas como opressoras e redistribuição de poder e de recursos dos opressores para suas vítimas na busca de igualdade de resultado.

⁶⁹ DECLARAÇÃO: O Pacto de Lausanne. *Lausanne Movement*. Disponível em <https://lausanne.org/statement/lausanne-covenant#christian-social-responsibility> Acesso em 07 fev. 2026.

Essa é uma discussão relevante, reforçada pelo autor com a citação de John Stonestreet “não é bom ter o mesmo vocabulário se estamos usando dicionários diferentes”⁷⁰ (p. 17). Allen (2022) está nos trazendo uma análise sobre as incursões significativas de ideologias dentro da igreja evangélica associadas, rotineiramente, a compromissos de igualdade, diversidade e inclusão, o que, inicialmente, soam como algo próprio e importante, porém será necessário observar que esse objeto cristão que está intrínseco, conforme comentou Keller (2013), pode se contaminar com o propósito final dessas ideologias. O autor relata que, logo após sua formação no Oregon-EUA, em uma conceituada universidade, num curso de Ciências Humanas, percebeu que, apesar de não se considerar marxista, considerava as origens da pobreza totalmente originadas no que está descrito nos ideais socialistas, até que, à medida que foi trabalhando junto a mentores e pastores, entendeu que sua fundamentação estava mais bem enraizada no Manifesto Comunista do que na Bíblia, e se perguntou se estava mais interessado nas disparidades da riqueza e da distribuição de renda, ou em fazer o que, verdadeiramente, daria resultado e capacitação às pessoas, permitindo que tivessem a oportunidade de sair da pobreza. E continua descrevendo como passou a entender a cosmovisão evangélica. Cita que, para a ala conservadora da Igreja, comunicava a dignidade e bondade na sua expressão da paixão pelo evangelho, e que o plano de redenção de Deus não se limitava à salvação, mas à reconciliação total de tudo o que havia sido rompido no relacionamento com Deus, incluindo o aspecto cultural e social. Já olhando para a ala da justiça social, focava na mensagem de que a arma mais poderosa à disposição da Igreja são a verdade e a compaixão bíblicas.

Aqui, já temos um primeiro aspecto de como a Igreja deve agir: Trabalhar expressando as palavras bíblicas sobre a vontade e ordenança de Deus, tanto para ricos, como para pobres. Conforme Allen,

Quando ricos e pobres começarem a substituir as mentiras culturais pela verdade bíblica, virá a transformação. Essa transformação nunca é completa, ou uniforme, ou indefinida, mas é real, poderosa, dignifica a Deus e é importante. (Allen, 2022. p. 25).

A justiça social ideológica tem obtido muito sucesso, penetrando e formando uma cultura nova e em ritmo muito acelerado. Ela atua no meio acadêmico, desde o

⁷⁰ John Stonestreet, “What is freedom? Defining liberty is crucial to keeping it” CNSnews.com, October 4, 2018, <https://www.cnsnews.com/commentary/john-stonestreet/what-freedom-defining-liberty-crucial-keeping-it>.

ensino fundamental até o ensino médio, adentrando as universidades; na grande mídia; nas alas políticas progressistas; nos departamentos de recursos humanos das empresas, tratando de diversidade, igualdade e inclusão; até mesmo nas empresas de tecnologia; e, por mais que não se acredite, em igrejas, das tradicionais até as mais renovadas. Por outro lado, o autor relata que ainda há esferas sociais que estão se mantendo firmes nos valores bíblicos quanto à justiça social, tais como comunidades rurais. A grande massa evangélica crê na veracidade total da Bíblia e frequenta os cultos, bem como grande parte dos católicos, cristãos ortodoxos e judeus, alas políticas realmente conservadoras, e, ainda, influenciadores e celebridades, ainda que poucos, mas com grande alcance.

O grande problema é o contingente cristão se dividir em grupos: os que se conformam com a ideologia predominante; os que se acomodam com o que está acontecendo à sua volta de maneira inconsciente; e os que resistem às ideologias predominantes que estejam afrontando os valores bíblicos, reagindo com firmeza, qualquer que seja o custo. Allen cita o que ocorreu na Alemanha nas décadas de 1920 e 1930 com a ascensão do nacional-socialismo, muito bem descrito por Metaxas em *Bonhoeffer: pastor, martyr, prophet, spy*⁷¹, mostra como essa ideologia repercutiu na igreja alemã, conformando-se e até se acomodando a ela.

Antes de finalizar o que foi pesquisado na obra de Allen (2022), vale o destaque dado às táticas dos defensores da justiça social ideológica. O principal ponto, aqui, é a construção de narrativas, tática utilizada no passado pelos revolucionários marxistas. Não é permitida a ampla e livre discussão, e a simples discordância leva o opositor ao extremo oposto; deseja-se a conformidade absoluta e de maneira submissa.

Uma recomendação de leitura e possível aprofundamento é a obra de Eric Mason⁷², que, segundo Allen, é um livro que demonstra contribuições significativas, com fundamentação bíblica, mas também está alicerçada na narrativa revolucionária. Allen descreve Mason como um líder evangélico de destaque, que, aparentemente, tem o pé no cristianismo histórico e bíblico e outro na justiça social ideológica, estando longe de ser o único com esse perfil.

⁷¹ Publicado em português pela Editora Mundo Cristão sob o título *Bonhoeffer: pastor, mártir, profeta, espião*.

⁷² Mason E. *Woke Church: an urgent call Christians in America to confront racism and Injustice*. Chicago: Moody, 2018

Vimos, nessa obra de Allen (2022), um panorama intenso e profundo que nos alerta sobre como devemos estar atentos a permanecer, como Igreja, firmes nos fundamentos bíblicos de justiça verdadeira e atenção aos pobres, sem declinar para um caminho que tira o propósito divino do centro. Ainda nos descreve duas atitudes que, como cristãos, precisamos evitar: a primeira é não virar a mesa na tentativa de usar a mesma tática de poder, e outra é a oposta, ou seja, ficar de cabeça baixa e fingir que não há uma guerra ocorrendo e tentar seguir com a vida normalmente. Fechando esse pensamento, Allen cita o teólogo alemão Martin Niemöller:

Quando vieram buscar os comunistas, fiquei em silêncio; eu não era comunista.
Quando vieram buscar os sindicalistas, eu não disse nada; eu não era sindicalista.
Quando vieram buscar os judeus, fiquei em silêncio; eu não era judeu.
Quando vieram me buscar, já não havia ninguém que pudesse protestar.
(Apud Allen, 2022 pg 234)

Finalizo essa parte do trabalho discorrendo sobre uma outra informação que Allen nos dá no combate bíblico às injustiças e ofensas, quando escreve que nunca devemos nos esquecer de que Deus ama lançar mão das coisas fracas do mundo para lançar seu poder e sua glória insuperáveis. Cita Davi e Golias, Gideão e os midianitas, e Pedro, um simples pescador, diante do Sinédrio. Pois como está escrito em Rm 8:31, “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.

A Igreja contemporânea, antes de combater uma cultura, precisa criar uma cultura, ou, ainda, recriar o ambiente bíblico em nossos lares e locais de convivência. A tabela 2 (Anexos) traz um resumo das aplicações da justiça social ideológica *versus* a cosmovisão bíblica em diversos temas.

Podemos citar uma integração das questões apontadas por Miqueias e a aplicação para a Igreja, exercendo seu papel missional em algumas ações concretas descritas por Keller (2013), Shedd (1984) e Allen (2022), resumidamente:

➤ Como para Keller a justiça social não é algo anexado ao Evangelho, mas um resultado da manifestação da Graça na vida do crente, sugere que a Igreja deve ir além da caridade básica, mas ir além em busca da restauração da dignidade do *Quarteto da Vulnerabilidade*, por meio do engajamento comunitário, conseguindo os vários níveis de alcance por meio de utilização de recursos humanos, físicos e financeiros.

➤ Shedd enfatiza que o ponto de partida para que a Igreja seja um agente missional segundo a vontade do Senhor, é que as Escrituras devem ser corretamente interpretadas, ensinando aos membros como ler e entender a Palavra, de maneira que a justiça social seja vista e vivida como um mandamento divino, e não como uma opção ou conduta ideológica. Também enfatiza e faz concordância plena com o texto de Miqueias 6:8, orientando que a Igreja rejeite um ritualismo vazio, mas busque uma conexão verdadeira com Deus, e assim consiga observar o que ele espera em relação a justiça e misericórdia.

➤ Resumidamente, visto que já aprofundamos bastante sobre Allen, o autor observa a importância de um discernimento profundo entre a cosmovisão bíblica e a ideológica. A justiça baseada na verdade bíblica leva a Igreja a realizar ações sociais que afirmem e resgatem a dignidade humana, olhando sempre para a *Imago Dei* (Imagem de Deus), não caindo na armadilha de atribuir as causas e consequências dos problemas sociais às resoluções ideológicas que tentam ocupar o lugar da Igreja.

➤ Por fim, completando esse grupo, vamos descrever com mais detalhes abaixo a posição de Balswick e Morland, que pode ser resumida em um sério trabalho de análise e intervenção assertiva, orientando a Igreja a não apenas dar assistência, mas compreender as raízes dos problemas sociais, como a pobreza e desigualdade, e então propor soluções que transformem as estruturas desse grupo. Além de incentivar a Igreja a atuar continuamente como um agente de mudança na sociedade, compondo ações que se baseiem na verdade bíblica, adicionando o benefício das ciências sociais para enfrentar os problemas contemporâneos.

Concluindo, trago alguns pontos observados em uma obra chamada *Social Problems: A Christian Understanding & Response*, de Balswick e Morland, que apresenta uma série de problemas sociais, descritos desde sua estrutura até a observação de ações para entendê-los e até solucioná-los. Mantendo o objeto de nossa pesquisa, vou me ater a somente alguns pontos.

Os autores descrevem que uma das grandes causas dos problemas sociais, e em meu julgamento, as consequentes injustiças sociais, é a falta ou o rompimento da intimidade nos relacionamentos humanos (Balswick; Morland, 1990).

Transcrevo, com minha tradução, uma parte do texto da página 55:

A capacidade dos seres humanos de se comunicarem uns com os outros por meio da linguagem possibilita que se conheçam intimamente. A intimidade

perfeita é exemplificada por Deus em seus relacionamentos e comunicações com seus filhos, pois, diferentemente dos deuses das religiões orientais, o Deus das Escrituras deseja ter um relacionamento pessoal conosco. De fato, o Espírito Santo habita em nós, e somos encorajados a compartilhar nossos pensamentos e sentimentos mais profundos com ele por meio da oração. (...). Onde há vergonha, a intimidade se torna difícil.

Por outro lado, onde os relacionamentos sociais são baseados em aliança e o empoderamento é praticado em uma atmosfera de graça, os indivíduos se comunicarão uns com os outros de maneira atenciosa e cuidadosa. Quando alguém fala, os outros ouvem e desejam o melhor para essa pessoa.

Dessa forma, imitamos Jesus, que promoveu, altruisticamente, o bem-estar dos outros, sendo submisso e amoroso em seus relacionamentos.

(...). Assim, retornamos à base da aliança nos relacionamentos sociais. O amor incondicional permite que nos comuniquemos, livremente, uns com os outros, porque não tememos a rejeição.

Tendo apresentado um modelo de relacionamentos sociais baseado na Bíblia, consideraremos, agora, o contexto em que esses relacionamentos ocorrem. O tecido da sociedade consiste em muitas camadas interligadas. A maioria das pessoas consegue identificar as unidades sociais das quais suas vidas fazem parte. Essas várias camadas da estrutura social podem ser concebidas como que formando círculos concêntricos cada vez mais inclusivos. (...) Para a maioria das pessoas, a família é a arena central dos relacionamentos sociais. A base prescrita biblicamente para os relacionamentos familiares é a aliança.

Os autores apresentam a figura a seguir para representar os diferentes níveis da estrutura social juntamente com o ideal prescrito biblicamente para cada uma:

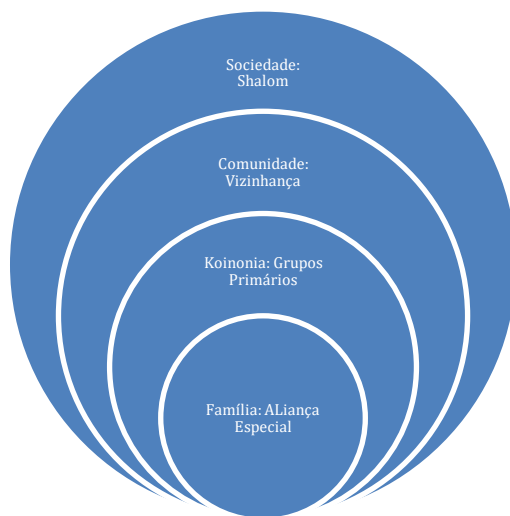


Figura adaptada e traduzida de Balswick e Morland, 1990, p. 55.

Segundo os autores, a observação dos princípios bíblicos proporciona aos indivíduos a possibilidade de caminhar em sua estrutura social crescendo e multiplicando os princípios bíblicos, ou seja, é uma outra maneira de agir da Igreja em relação a questão da justiça social, é estabelecer o contínuo ensinamento e prática dos preceitos bíblicos, fundamentando o indivíduo para, além de não oprimir, também

ser um agente de transformação, agindo como um cristão que muito mais que se importar, age para transformar o ambiente.

E, por fim, transcrevo e traduzo em formato de tabela, os vários caminhos apontados pelos autores para a mudança social:

ESTRATÉGIA				
AGENTE	1 - EVANGELISMO	2 - ATENDIMENTO ÀS NECESSIDADES FÍSICAS INDIVIDUAIS	3 - POSICIONAMENTO SOBRE QUESTÕES SOCIAIS	4 - AÇÃO SOCIAL COM O OBJSTIVO DE MUDAR A ESTRUTURA SOCIAL
A - CRISTÃO INDIVIDUAL	1A - EVANGELISMO PESSOAL	2A - SOLIDARIEDADE	3A - DECLARAÇÕES DE INDIVÍDUOS SOBRE QUESTÕES SOCIAIS	4A - AÇÃO SOCIAL POR INDIVÍDUOS
B - IGREJA LOCAL OU COMUNIDADE CRISTÃ	1B - REUNIÕES EVANGELÍSTICAS E ESTUDOS BÍBLICOS	2B - PROGRAMAS DA IGREJA LOCAL PARA ATENDER ÀS NECESSIDADES DOS MEMBROS DA CONGREGAÇÃO E DA COMUNIDADE	3B - DECLARAÇÕES DA IGREJA LOCAL SOBRE QUESTÕES SOCIAIS	4B - AÇÃO SOCIAL DA IGREJA LOCAL
C - ESTRUTURA SUPRAECLESIASTICA (DENOMINAÇÕES / GRUPOS)	1C - EVANGELISMO POR MEIO DA MÍDIA DE MASSA	2C - AGÊNCIAS CRISTÃS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL, ORFANATOS, CASAS DE REPOUSO, ETC	3C - DECLARAÇÕES DE ORGANIZAÇÕES DENOMINACIONAIS E INTERDENOMINACIONAIS SOBRE QUESTÕES SOCIAIS	4C - AÇÃO SOCIAL POR ORGANIZAÇÕES DENOMINACIONAIS E INTERDENOMINACIONAIS

Recorrendo novamente a Keller (2013), que nos ensina que, ao fazer justiça, precisamos enfrentar a importante questão de como a justiça se relaciona com outras obrigações cristãs. Precisamos entender que anunciar o evangelho é evangelismo e não fazer justiça. Precisamos ser integrais como participantes da *Missio Dei*. É atribuição da Igreja ajudar o cristão a ajustar todas as áreas de sua vida com o Evangelho como um todo. Não temos que fazer tudo sozinhos, mas fazer todos juntos. A Igreja deve prover, como Keller explica, o *Shalom*⁷³ total, ou seja, a reconciliação completa: física, emocional, social e espiritual.⁷⁴

O autor, explanando sobre a postura de acolhimento justo e social de Jó, citando os trechos de 29:12-17 e 31:13-28², sintetiza (Keller, 2013, p. 30-32) que, na Bíblia, a *tzadeqah* é relativa ao viver diário, quando tratamos as pessoas, inicialmente a partir das de nosso convívio, com justiça, generosidade e igualdade, buscando alcançar todos os relacionamentos desde a família até a sociedade. E, traduzindo em exemplos práticos para a atualidade cita, ações como:

⁷³ *Shalom* (שָׁלוֹם) é uma palavra hebraica que significa paz, mas seu sentido profundo vai além da ausência de conflito, abrangendo plenitude, integridade, bem-estar, segurança e harmonia.

⁷⁴ Artigo sobre “Paz” no *Dictionary of Biblical Imagery*, L. Ryken, T. Longman, orgs., p. 632. Ou em qualquer outro dicionário bíblico em hebraico: “*Shalom* descreve um tipo de satisfação ou inteireza abrangente, na verdade, uma perfeição na vida e espírito que transcende muito qualquer sucesso que a pessoa por si só, mesmo sob as melhores circunstâncias consegue obter” (*Shalom e a Presença de Deus*, in: *Proclamation and Presence*, J.I. Durham e J.R. Porter, orgs. P. 280).

...dedicar parte do tempo pessoas para suprir as necessidades dos deficientes físicos, dos idosos, e dos famintos que nos cercam. Ou pode significar o estabelecimento de organizações sem fins lucrativos que sirvam aos interesses de pessoas carentes. Ou pode ainda representar um grupo de famílias de um bairro rico que adota uma escola pública de uma comunidade pobre e que, por intermédio de donativo financeiro generoso e trabalho gratuito, visa melhorar a qualidade da educação dos alunos da escola.

Vemos que as ações podem ser diversificadas e de muitos tipos e abrangências, mas precisam ser feitas.

Enfim, podemos concluir que a Igreja é chamada a não separar o anúncio do Evangelho da aplicação do Evangelho. Não são duas faces, mas a mesma face da moeda. Esse é o desejo de Deus para a Igreja e pela Igreja.

Ao percorrermos séculos de história, desde as comunidades do primeiro século até os problemas sociais atuais, notamos que o desafio de Miqueias ainda persiste. E depois de analisar esse percurso, o conceito de justiça, a mensagem dos profetas, principalmente Miqueias, e o papel da Igreja, chegamos ao momento de amarrar todas as pontas. Nas considerações finais, apresentarei um resumo do que essa jornada nos ensina e como a mensagem do profeta Miqueias ainda é um termômetro que mede a saúde de nossa fé na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa pesquisa realizada, abrangendo várias obras e artigos, minha primeira observação é que, mesmo tendo alcançado minha expectativa de pesquisa, a variedade de temas e subtemas que se apresentaram à medida que as leituras eram realizadas, proporcionam um vasto campo para a ampliação dos estudos.

Utilizando uma robusta fonte de pesquisa, ficou evidente que a questão de justiça é um tema que remonta os períodos das mais antigas civilizações, demonstrando uma preocupação com o senso ético, moral e de responsabilidade com os mais fragilizados, sobretudo com a visão bíblica do tema.

Dessa forma, também foi possível evoluir na pesquisa em relação à injustiça social, ao que se considera contrário a tudo que se pensa ser correto e justo socialmente e aos olhos de Deus.

Com a pesquisa sobre justiça fundamentada como pano de fundo, partimos para entendermos o que significa profetismo, desde suas origens, desde o Oriente Antigo e já canalizando para Israel, tanto no Norte como no Sul. Vimos as características peculiares dos profetas, desde os profetas anteriores, até os primeiros profetas escritores do Século 8º a.C., período determinante para a história de Israel, diante de seus descaminhos, desobediências e as consequências de um distanciamento espiritual genuíno com o Senhor, ocasionando descaso, opressão e afastamento das direções dadas por Deus a seu povo.

Durante a pesquisa, como mencionado acima, observamos as denúncias de vários temas, tais como ética, moral, religião, culto inapropriado etc., por meio dos profetas Oseias, Amós, Isaías, e aprofundamos a pesquisa no livro do profeta Miqueias, o qual apresentou, com muitos detalhes, de que forma e por quem os mais desprovidos eram oprimidos. Esses outros temas formam um campo de pesquisa muito fértil para continuidade e aprofundamento posterior.

As denúncias, apesar de não terem repercutido resultados práticos imediatos, influenciaram a história de Israel posteriormente, na busca da reconstrução da identidade pós-exílica, e continuou sendo refletida no comportamento do povo judeu na Igreja Primitiva até alcançar a Igreja Moderna. Em outras palavras, vimos o papel dos profetas, sobretudo Miqueias, que era denunciar expressamente as atitudes do povo oprimindo os seus e desobedecendo a Deus. Essas denúncias foram feitas

também por Jesus e as mesmas ações foram fortemente criticadas por Tiago em sua carta.

Na última etapa da pesquisa, foi possível identificar uma importante questão: a Igreja não deve se limitar a somente praticar o evangelismo, mas ser uma verdadeira aliada e ser a ferramenta para o cumprimento da *Missio Dei*, continuar sendo profeta da Palavra, anunciando o Evangelho e atuando como cooperadora para o bem-estar.

Foi possível observar fortes críticas sobre o que não é ser um profeta, e entender que a bandeira da luta contra a injustiça social tem que ser a bandeira bíblica e não a ideológica, combatendo então, não só a injustiça social em si, com ações concretas fundamentadas na Palavra, como também combatendo ideologias que pretendem se apropriar do lugar devido dos cristãos que têm a Bíblia como verdade e valores fundamentais.

Por fim, quero destacar o quanto esse Trabalho de Conclusão de Curso descortinou minha visão e despertou o desejo de realizar mais pesquisas, como, por exemplo, o aprofundamento nas demais denúncias proféticas do Século 8º. a.C., visto que, ainda há muito a se pesquisar, aprender e aprofundar para ser um multiplicador melhor e mais fundamentado.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, Scott David. *Por que a justiça social não é a justiça bíblica: um apelo urgente aos cristãos em tempos de crise social*. São Paulo: Vida Nova, 2022 Tradução A.G. Mendes.
- AMSLER, S., et al. *Os profetas e os livros proféticos*. São Paulo: Edições Paulinas 1992. Tradutor Benoni Lemos.
- AZEVEDO, Israel Belo de. *Miqueias: Comentário Bíblico Prazer da Palavra*, fascículo 33. Rio de Janeiro: Editora Prazer da Palavra, 2022. E-book.
- BALSWICK, Jack O.; Morland, J. Kenneth. *Social problems: a christian understanding and response*. Backe Book House Company United States of America: 1990.
- BÍBLIA de Estudos NVI* – Editora Thomas Nelson – 1ª Ed São Paulo: 2021.
- BÍBLIA de Estudo Cronológica Aplicação Pessoal* – Rio de Janeiro: CPAD, 2015.
- BÍBLIA de Estudos Shedd* – São Paulo: Vida Nova, 2026.
- BONNEAU, Guy. *Profetismo e Instituição no Cristianismo Primitivo*. São Paulo: Edições Paulinas, 2003. Tradução Bertilo Brod.
- BRIGHT, John. *História de Israel* - 2ª Ed. Rev. e Ampl. – São Paulo: Ed. Paulus, 2018 Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi.
- CARSON, D.A. et al. *Comentário Bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova 2023. Vários tradutores.
- CATENASSI, Fabricio. Z.; PERONDI, Ildo. *Um Messias de guerra ou de paz? As contradições e a polifonia em Miqueias 5,4-14 à luz da retórica e da teologia do livro*. Estudos Bíblicos ABIB: São Paulo, V.38, n. 146, p. 169-183, Jul/Dez 2022. Disponível em <https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.978> Acesso em 18/12/2025
- CHAMPLIN, Russel, N. *Enciclopédia de Bíblia, Teologia & Filosofia*. Vol. 4. São Paulo: Hagnos, 1991 – 6 volumes.
- COELHO FILHO, Isaltino G. *A ética dos Profetas e sua implicação para nossos dias*. – Coleção Descubra agora São Paulo: Editora Êxodus, 1997.
- COUTINHO, Pércio. *Miqueias: Comentário O Bom Ministro: o livro dos pecados, do castigo e do perdão de Deus*. Edição do Autor, 2022. E-book.
- DECLARAÇÃO: O Pacto de Lausanne. Lausanne Movement. Disponível em <https://lausanne.org/statement/lausanne-covenant#christian-social-responsibility> Acesso em 07 fev. 2026.

DE VAUX, Roland. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2004. Tradução Daniel de Oliveira.

FERREIRA DE OLIVEIRA, José Maria; GONZAGA, Adriana M. *Da periferia pode vir algo de bom? Dialogando com Mc 6,1-6*. Estudos Bíblicos ABIB: São Paulo, V.38, n. 146, p. 184-194, Jul/Dez 2022 Disponível em <https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.955> Acesso em 18/12/2025

FOHRER, Georg. *História da religião de Israel*. São Paulo: Editora Academia Cristã/ Edifique, 2012. Tradução Josué Xavier.

GRUDEM, Wayne. *Teologia Sistemática: Completa e Atualizada - 2ª ed.* Revisada e Ampliada – São Paulo: Vida Nova, 2022.

HARRISON, Everett F. Comentário Bíblico MOODY: Vol 1. 2 ed. Org. Mark S. Swedberg. São Paulo: Batista Regular do Brasil, 2017. Tradução Yolaanda M. Krievin.

JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário* – 3ª ed. São Paulo: Editora Paulus, 1983. Tradução de Maria Cecília de M. Duprat.

KELLER, Timothy. *Justiça Generosa: a graça de Deus e a justiça social*. São Paulo: Vida Nova, 2013. Tradução Eulália Pacheco Kregness.

LOPES, Hernandes Dias. *Miqueias: a justiça e a misericórdia de Deus*. (Série Comentários Expositivos). São Paulo: Hagnos, 2007.

MACDONALD, William. *Comentário Bíblico Popular – Antigo Testamento*. Editado com introduções de Art Farstad. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MACNIGHT, Scot. *TIAGO: Comentário Exegético*. 1ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2025 Tradução Daniel de Oliveira.

MARTINS, Raimundo A. *O profetismo israelita frente à prática do uso da balança falsa*. Estudos Bíblicos ABIB: São Paulo, V.38, n. 146, p. 143-155, Jul/Dez 2022. Disponível em <https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.964>. Acesso em 18/12/2025

MERRIL, Eugene.H.; ROOKER Mark F.; GRISANTI, Michael A. *Introdução ao Antigo Testamento: o Mundo e a Palavra*. São Paulo: Vida Nova, 2025. Tradução de A. G. Mendes.

NASCIMENTO, Analzira. *Evangelização ou colonização? O risco de fazer missão sem se importar com o outro*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015.

PADILLA, René. *Missão Integral: O Reino de Deus e a Igreja*. Viçosa-MG: Editora Ultimato 2014. Tradução Wagner Guimarães.

PADILLA, René. *O que é Missão Integral?* Viçosa-MG: Editora Ultimato 2009. Tradução Wagner Guimarães.

PESTANA, Álvaro C. *Profecia Bíblica e Anarquismo na Tanakh*. Estudos Bíblicos ABIB: São Paulo, V.38, n. 146, p. 195-208, Jul/Dez 2022 Disponível em <https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.451> Acesso em 18/12/2025

RYDELNIC M.; BLUM, Edwin. Orgs. *Manual de Profecia Messiânica: estudos sobre o Messias no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2024. Tradução Marcio Loureiro Redondo.

RYHOLT, K.S.B. *A situação política no Egito durante o Segundo Período Intermediário, c. 1800-1550 a.C.* República Tcheca: Museum Tusculanum Press, 1997.

SANTOS, P. E. C. *Os Invisíveis da Terra em Deuteronômio*. Campinas: Saber Criativo, 2019.

SAYÃO, Luiz Alberto T. *O Problema do mal no Antigo Testamento: O caso de Habacuque*. 1ª Edição. São Paulo: RTM Editora, 2022.

SCHÖKEL Alonso, Luís; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas 1 Coleção Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Ed. Paulus, 1988. Tradução Anacleto Alvarez.

SCHÖKEL Alonso, Luís; SICRE DIAZ, José Luis. *Profetas 2 Coleção Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Ed. Paulus, 1991. Tradução Anacleto Alvarez.

SCHULTZ, Samuel. J. *A História de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2009. Tradução João Marques Bentes.

SHEDD, Russel P. *A Justiça Social e a Interpretação Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

SICRE DIAZ, José Luis. *Introdução ao Profetismo Bíblico*. São Paulo: Editora Editora Vozes, 2016. Tradução Gentil Avelino Titton.

SICRE, José Luis. *Profetismo Em Israel. O Profeta. Os Profetas. A Mensagem*. São Paulo: Editora Editora Vozes, 1996.

SICRE, José Luis. *Com os Pobres da Terra: a Justiça Social nos Profetas de Israel*. São Paulo: Editora Academia Cristã / Edifique, 2011. Tradução Carlos Felício da Silveira.

SICRE, José Luis. *Introdução ao Antigo Testamento*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994. Tradução Wagner de Oliveira Brandão.

SOLANO ROSSI, Luiz Alexandre. *Os Profetas: vocação para a liberdade e solidariedade. – Coleção o mundo da Bíblia*. São Paulo: Editora Paulus, 2018.

SOLANO ROSSI, Luiz Alexandre; RIBEIRO DOS SANTOS, Sandra M. *O Espírito de Yahweh e sua relação com a justiça social em Miqueias 3,5-8*. Estudos Bíblicos ABIB:

São Paulo, V.38, n. 146, p. 156-168, Jul/Dez 2022 Disponível em <https://doi.org/10.54260/eb.v38i146.961> Acesso em 18/12/2025

TORGAN, Daniel A. *O PROFETA E A MISSÃO: a mensagem de Miqueias e a teologia da missão integral*. Revista Batista Pioneira, ONLINE ISSN 2316-686X - IMPRESSO ISSN 2316-462X, Vol. 6 n. 2 dezembro/ 2017
Disponível em <https://revista.batistapioneira.edu.br>. Acesso em 18/12/2025

WALLIS BUDGE, E.A. *O Livro dos Mortos do Antigo Egito (O Livro Egípcio dos Mortos)*. São Paulo: Madras, 2023.

WALTKE, Bruce K. *Comentário do Antigo Testamento: Miqueias*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2025.

WILSON, Robert R. *Profecia e Sociedade no Antigo Israel* - 2ª edição revista. São Paulo: Editora Paulus, 2006.

WRIGHT, Christopher J. H. *Povo, Terra e Deus: a relevância da ética do antigo testamento para a sociedade de hoje* - 1ª edição. São Paulo: Abu Editora, 1991. Tradução Yolanda Mirdsa Krievin.

ANEXOS

ANEXO 1

Item 5 do Pacto de Lausanne em 1974

Afirmamos que Deus é o Criador e o Juiz de todos os homens. Portanto, devemos partilhar o seu interesse pela justiça e pela conciliação em toda a sociedade humana, e pela libertação dos homens de todo tipo de opressão. Porque a humanidade foi feita à imagem de Deus, toda pessoa, sem distinção de raça, religião, cor, cultura, classe social, sexo ou idade possui uma dignidade intrínseca em razão da qual deve ser respeitada e servida, e não explorada. Aqui também nos arrependemos de nossa negligência e de termos algumas vezes considerado a evangelização e a atividade social mutuamente exclusivas. Embora a reconciliação com o homem não seja reconciliação com Deus, nem a ação social evangelização, nem a libertação política salvação, afirmamos que a evangelização e o envolvimento sociopolítico são ambos parte do nosso dever cristão. Pois ambos são necessárias expressões de nossas doutrinas acerca de Deus e do homem, de nosso amor por nosso próximo e de nossa obediência a Jesus Cristo. A mensagem da salvação implica também uma mensagem de juízo sobre toda forma de alienação, de opressão e de discriminação, e não devemos ter medo de denunciar o mal e a injustiça onde quer que existam. Quando as pessoas recebem Cristo, nascem de novo em seu reino e devem procurar não só evidenciar, mas também divulgar a retidão do reino em meio a um mundo injusto. A salvação que alegamos possuir deve estar nos transformando na totalidade de nossas responsabilidades pessoais e sociais. A fé sem obras é morta.

ANEXO 2

Tabela 1 – Referências sobre a datação, significado do nome e as referidas fontes.

AUTORES	DATAÇÃO	SIGNIFICADO DE MIQUEIAS	REF. BIBLIOGRÁFICA
Carson, D.A. <i>et al.</i>	740-686 a.C.	Quem é como Javé	CARSON, 2023. p. 1237
Champlin, Russel N.	722-701 a.C.	Quem é como Yaweh	CHAMPLIN, 1991. p. 291,292
Feldman, L.	749-697 a.C.	Não descrito	RYDELNIC & BLUM, 2024. p. 1285
Harrison, Everett F.	739-687 a.C.	Quem é como Jeová?	HARRYSON, 2017. p. 1415
MacDonald, William	740-687 a.C.	Aquele que é semelhante a Jeová	MACDONALD, 2010. p. 765
Merril, Eugene H., Rooker Mark F., Grisanti, Michael A.	722-701 a.C.	Não descrito	MERRIL, ROOKER & GRISANTI, 2025. p. 674
Schökel, A. & J. L. Sicre Diaz	727-701 a.C.	Não descrito	SCHÖKEL & SICRE DIAZ, 1991. p. 1065
Sicre, J. Luiz	727-701 a.C.	Não descrito	SICRE, 2011. p. 325
Waltke, Bruce	740-690 a.C.	Quem é como Yaweh	WALTKE, 2025. p. 17

ANEXO 3

Tabela 2 – Transcrita de Allen, 2022. p. 82-84

Questão	Justiça Social Ideológica	Cosmovisão Bíblica
O que é a realidade última?	A mente humana define o que é a realidade última?	O Deus de Gênesis 1:1 define a realidade última: "No princípio, criou Deus o céu e a terra"
Quem somos nós?	Criaturas cuja identidade é determinada inteiramente de modo social. Somos produto de nossa raça, sexo e identidade de gênero.	Criações e portadores da imagem de um Deus bom, santo e amoroso, com dignidade inerente e valor imensurável.
Qual é o nosso problema fundamental como seres humanos?	A opressão: Machos brancos, heteronormativos, estabeleceram e mantêm estruturas de poder hegemônicas para oprimir e subjugar as mulheres, pessoas de cor, minorias sexuais (LGBTQ+) e outros.	Rebelião: Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus. Nossa rebelião contra Deus resultou em relacionamentos arruinados - entre Deus e o homem, entre o homem e seu semelhante e entre o homem e a criação.
Qual a solução para nosso problema?	Revolução: Vítimas oprimidas e seus aliados devem se unir para desmascarar, desconstruir e derrubar essas estruturas de poder, instituições e sistemas opressivos.	O Evangelho: Na cruz, Deus encarnado tomou sobre si o castigo que merecíamos por nossa rebelião pecaminosa para nos mostrar uma misericórdia que jamais poderíamos merecer. Sua morte na cruz e sua ressurreição abriram caminho para a reconciliação de todos os nossos relacionamentos corrompidos.

Questão	Justiça Social ideológica	Cosmovisão Bíblica
Como podemos ser salvos?	As vítimas são moralmente inocentes e não precisam de salvação. Os opressores não podem ser jamais totalmente perdoados, mas podem ser parcialmente salvos se confessarem sua cumplicidade na opressão e apoiarem a revolução.	"Porque, se com a tua boca confessares Jesus como Senhor, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo [...]. Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo"(Rm 10:9,13)
Qual é nosso dever moral básico?	Ser solidários com os oprimidos, protegê-los e defendê-los: mulheres, pessoas de cor, minorias sexuais (LGBTQ+) etc.	Amar a Deus com todo nosso coração, alma, mente e força (o que significa viver em obediência a tudo o que Cristo ordenou) e amar ao nosso próximo como a nós mesmos.
Como Sabemos o que é verdadeiro?	As ideias de verdade objetiva, razão, lógica, evidência e argumento são ferramentas suspeitas que os opressores empregam para preservar sua hegemonia. O conhecimento da "verdade" vem por meio das vítimas, as quais, com base em sua experiência de opressão tem percepções mais profundas do que os opressores. É isso que se chama de Epistemologia do Ponto de Vista.	Pela revelação divina: (1) a Palavra escrita de Deus (2 Tm 3:13); (2) "a lei escrita no coração" ou a consciência humana (Rm 2:15) e a revelação de Deus na criação (Rm 1:20). Para isso temos de aplicar nossa capacidade de raciocínio, lógica, discussão e debate que nos foi dada por Deus para reunir e pesar evidências na busca da verdade.
Quem tem a autoridade final?	As vítimas são a autoridade final. As declarações das vítimas baseadas em sua experiência vivida e subjetiva são tomadas como verdadeiras sem nenhum questionamento.	Deus (e sua Palavra revelada nas Escrituras) é a autoridade final.
Haverá um juízo final no futuro?	Não. Não existe nenhum deus que voltará para punir os ímpios e recompensar os justos. Pelo contrário, a injustiça será extirpada aqui e agora pelos que detêm o poder para fazê-lo.	Sim. Jesus voltará e fará justiça perfeita. Ele preservará tudo o que for bom e libertará o mundo de tudo que é mau. Até lá, Ele estende sua misericórdia e seu perdão aos pecadores.